

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS

ANTHONI QUAGLIOTO CRUZ
HERMES JOSÉ QUAGLIOTO JÚNIOR

DIÁLOGOS ENTRE A RELIGIÃO CRISTÃ E O PAGANISMO EM
***BEOWULF*, DE J. R. R. TOLKIEN**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PATO BRANCO

2019

ANTHONI QUAGLIOTO CRUZ

HERMES JOSÉ QUAGLIOTO JÚNIOR

**DIÁLOGOS ENTRE A RELIGIÃO CRISTÃ E O PAGANISMO EM
BEOWULF, DE J. R. R. TOLKIEN**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do Curso Superior de Licenciatura em Letras Português-Inglês, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR *Campus* Pato Branco como requisito parcial do título de Licenciatura.

Linha de Pesquisa: Literatura Inglesa

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Mariese Ribas Stankiewicz

PATO BRANCO

2019



**DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS**

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor (a): **Anthony Quagliotto Cruz e Hermes José Quagliotto Junior.**

Título: **Diálogos entre a religião cristã e o paganismo em "Beowulf", de J. J. E. Tolkien.**

Trabalho de conclusão de curso defendido e aprovado em
02 / 12 / 19, pela comissão julgadora:

Profa. Dr^a. Mariese Ribas Stankiewicz – UTFPR Pato Branco
Orientador(a) e Presidente da Banca

Profa. Dr^a. Mirian Ruffini – UTFPR Pato Branco
Parecerista e Membro da Banca Examinadora

Profa. Dr^a. Camila Paula Camilloti – UTFPR Pato Branco
Membro da Banca Examinadora

VISTO E DE ACORDO:

Prof.^a Ma. Rosângela Aparecida Marquezi

Coordenadora do Curso de Letras Português/Inglês

Rosângela Aparecida Marquezi
SIAPE: 6393042
Coordenadora do Curso de Licenciatura
em Letras Português-Inglês
UTFPR - Câmpus Pato Branco

A Folha de Aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso

Anthoni Q. Cruz

Dedico este trabalho à Adélia Quagliotto Cruz, minha mãe (In Memoriam), por me ensinar o valor do conhecimento, ao meu pai por me ensinar valores éticos e morais.

A minha namorada Isadora da Rosa, pelo encorajamento, apoio, força e por acreditar na minha capacidade, mesmo quando eu não acreditei.

Vos amo.

Hermes José Quaglioto Júnior

Dedico este trabalho aos meus pais Hermes José Quaglioto e Teresinha Catarina Quaglioto, por me ensinarem o valor do conhecimento, valores éticos e morais.

À minha irmã Michele Quaglioto Tartari e seu esposo Leandro Tartari, por serem exemplos de superação.

A minha Noiva Roberta Quelli Favero, pelo encorajamento, apoio, força, carinho e amor acreditando na minha capacidade, mesmo quando eu não acreditei.

Vos amo.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

A UTFPR, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram um campo de ensino o qual permitiu que eu alcançasse um horizonte superior, moldado pela acendrada confiança no mérito e ética aqui presentes.

A nossa orientadora, pelo suporte, dedicação, carinho e incentivos.

Aos nossos pais: Adélia Quagliotto Cruz (in memorian) e Severino Romildo Cruz; Hermes José Quaglioto e Teresinha Catarina Quaglioto pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

A Isadora Schemmer Tormes da Rosa e Roberta Quelli Favero, pela paciência, motivação e apoio durante a jornada.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

*“Os feitos valorosos enobrecem o homem
em todos os povos”*

J. R. R. Tolkien
Beowulf: Uma tradução Comentada

RESUMO

CRUZ, Anthoni Quaglioto; QUAGLIOTO, Hermes José Junior. **Diálogos entre a Religião Cristã e o Paganismo em *Beowulf*, de J. R. R. Tolkien.** 2019. 50 p. Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura em Letras Português/Inglês, Universidade Tecnológica Federal do Paraná – *Campus* Pato Branco, 2019.

O presente Trabalho de Conclusão de Curso trata de uma análise sobre o dialogismo entre pontos do texto bíblico cristão e *Beowulf*, especialmente, da versão em prosa feita por J. R. R. Tolkien, em 2014, e traduzida por Ronald Kyrmse, em 2015, em uma edição de 2018. Para a efetivação desta pesquisa, noções de dialogismo e intertextualidade foram examinadas, tomando-se como base os estudos de Mikhail Bakhtin (1997) (2006), que discorre profundamente sobre o dialogismo, e de José Luiz Fiorin (2006), leitor do dialogismo de Bakhtin e da intertextualidade. Também foi necessário investigar sobre a vida e a obra de J. R. R. Tolkien e, neste sentido, as pesquisas de Humphrey Carpenter (2015) e de Michael White (2014), entre outros críticos literários e da história foram imprescindíveis. Outro ponto de grande importância para este trabalho foram alguns dos estudos já feitos sobre o texto de *Beowulf*. Neste sentido, foram verificadas as pesquisas de Michael Lapidge (2006) e de Donald Scragg (2013), entre outras. Assim, o principal objetivo desse trabalho foi o de estabelecer um paralelo entre citações bíblicas do Novo e do Velho Testamento e passagens de *Beowulf*, de Tolkien, para que fosse possível analisar a possibilidade de diálogo entre elas. Dessa maneira, evidenciaram-se as relações de influência das escrituras bíblicas cristã na transcrição do épico e, por consequência, na obra de J. R. R. Tolkien.

Palavras-Chave: Literatura Inglesa, Dialogismo, Cristianismo, *Beowulf*.

ABSTRACT

CRUZ, Anthoni Quaglioto; QUAGLIOTO, Hermes José Junior. **Dialogues between the Christian Religion and Paganism in Beowulf, by J. R. R. Tolkien.** 2019. 50 p. Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura em Letras Português/Inglês, Universidade Tecnológica Federal do Paraná – *Campus* Pato Branco, 2019.

The present Conclusion Course Paper deals with an analysis of the dialogism between points of the Christian biblical text and *Beowulf*, especially of the prose version made by J. R. R. Tolkien, in 2014, and translated by Ronald Kyrmse, in 2015, in a 2018 edition. For the realization of this research, notions of dialogism and intertextuality were examined, based on the studies by Mikhail Bakhtin (1997) (2006), who asserts deeply about dialogism, and by José Luiz Fiorin (2006), reader of Bakhtin's dialogism and of intertextuality. It was also necessary to investigate J. R. R. Tolkien's life and work and, in this sense, the researches of Humphrey Carpenter's (2015) and of Michael White's (2014), among other literary and history critics, were indispensable. Another point of great importance for this work was some of the studies already done on *Beowulf's* text. In this sense, the researches of Michael Lapidge's (2006) and of Donald Scragg's (2013), among others, were verified. Thus, the main purpose of this work was to establish a parallel between biblical quotations from the New and Old Testaments and passages from Tolkien's *Beowulf*, so that it was possible to analyze the possibility of dialogue between them. In this way, the influential relations of the Christian biblical scriptures were evidenced in the transcription of the epic and, consequently, in the work by J. R. R. Tolkien.

Keywords: English Literature, Dialogism, Christianity, *Beowulf*.

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – <i>BEOWULF</i> E J. R. R. TOLKIEN	14
1.1 O ENCANTAMENTO DE <i>BEOWULF</i> AO LONGO DA HISTÓRIA	15
1.2 - J. R. R. TOLKIEN – UM DOS RECRIADORES DE <i>BEOWULF</i>	20
1.2.1 John Ronald Reuel Tolkien.....	20
1.2.2 Tolkien e a Religião.....	24
1.2.3 Tolkien Filólogo	26
1.2.4 - Tolkien Autor de Fantasia e Obras	28
1.2.5 - Tolkien e <i>Beowulf</i>	30
CAPÍTULO 2 – CONSIDERAÇÕES SOBRE INTERTEXTUALIDADE EM <i>BEOWULF</i>.....	34
2.1 PONTOS SOBRE INTERTEXTUALIDADE NO ENREDO DE <i>BEOWULF</i>	35
2.1.1 Escrita a Partir da Ideologia Cristã	37
2.1.2 - A Presença do Deus Cristão	42
2.2.3 - A Influência Bíblica no Poema <i>Beowulf</i>	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS.....	50

INTRODUÇÃO

Textos entrelaçam-se uns nos outros e desenvolvem verdadeiros *pot-pourris* de citações, imagens e ideias procedentes de diversos tempos, lugares ou culturas. A constatação da presença de inúmeros fragmentos, paráfrases, pastiches, paródias, diálogos e imitações, entre tantas outras formas de intertextualidade, cabe exclusivamente ao leitor crítico, que poderá estabelecer paralelos entre os textos-fonte e os textos-alvo, a fim de verificar se o texto originado é o resultado de uma homenagem, exaltação, relativização ou da negação dos textos originais nele encontrados. Desta maneira, em meio a diversos intertextos e diálogos, constatou-se a presença de muitas equivalências, ideias e elementos cristãos, assim como aqueles encontrados na Bíblia católica, entre os personagens e suas ações em *Beowulf*, poema épico que se supõe ter sido escrito em algum ponto da Idade Média e que é considerado um dos primeiros materiais literários escritos da cultura britânica.

Beowulf trata de um guerreiro nórdico homônimo e de seus feitos como herói. Os motivos pelo qual o poema *Beowulf* é tão importante para literatura são pontos preliminares essenciais para o relacionarmos em uma pesquisa acadêmica. A obra foi transcrita para o inglês arcaico (*old English*) e apresenta uma série de intertextos e diálogos entre a religião cristã, o judaísmo, a mitologia nórdica, o universo pagão e a cultura britânica, sendo assim, um texto bastante hermético e de difícil interpretação. A obra teve tamanha influência na formação da história cultural dos anglo-saxões, que tem atraído o olhar de pesquisadores de diversas áreas, especialmente da literatura, da filosofia, da história e até mesmo da teologia e dos estudos das religiões por causa dos intertextos bíblicos e de outras referências religiosas.

Neste sentido, este Trabalho de Conclusão de Curso trata especificamente da análise das características cristãs presentes em *Beowulf*, procurando identificar como elas foram representadas junto aos costumes e lendas nórdicas, estabelecendo um diálogo entre o universo cristão e a mitologia, pois no texto que compõe o *corpus* de pesquisa desse trabalho, há a presença de elementos da cultura cristã em relação intertextual com a cultura nórdica pagã. Para realizar esta análise, foi essencialmente considerada a leitura da versão em prosa do poema

Beowulf, feita por John Ronald Reuel Tolkien,¹ e traduzida para o português brasileiro por Ronald Eduard Kyrmse, em 2015, especialmente em uma edição de 2018.

Beowulf tornou-se um grande foco de estudos de vários setores da academia por sua riqueza histórica, literária, linguística e, especificamente, por apresentar arquétipos que fazem parte do inconsciente coletivo de várias culturas, ao mesmo tempo em que mostra características do fantástico. Além disso, uma característica marcante do texto é o referenciamento, direto e indireto, de discursos religiosos, que nos apresentam comportamento cristão aliado ao paganismo.

De um modo geral, a narrativa poética de *Beowulf* não define claramente a vertente religiosa a qual o poema está atrelado, no entanto, é possível se observar, por diversos meios, como aspectos históricos, de literatura religiosa, manifestações culturais e de tradição oral, que o cristianismo e o paganismo foram veios religiosos que contribuíram para a construção do épico.

O poema foi transcrito do “inglês arcaico” para o “inglês moderno”, tornando-se um dos principais textos da literatura anglo-saxônica. A epopeia, a qual “[...] coube ao erudito islandês Grímur Jónsson Thorkelin (1752– 1829) realizar a primeira transcrição do manuscrito em 1786 e publicar seus resultados em 1815, com apoio do Governo Dinamarquês” (OLIVEIRA, 2010, p.2), segundo João Bittencourt Oliveira (2010), só passou a atrair mais olhares interessados a partir da publicação do ensaio *Beowulf: The Monster and the Critics*, escrito por J. R. R. Tolkien, em 1936. Após a primeira publicação, estudos dos mais diversos aspectos nela presentes foram produzidos, pois a riqueza do conteúdo e incerteza de sua origem possibilitam variadas formas de compreensão o que lhe confere, segundo Medeiros (2006, p. 29), *status* de quimera:

Ele possui elementos de várias origens que compõe sua temática, seu estilo é cronologicamente impreciso, sua estrutura do idioma possui variações linguísticas de diversas partes da Inglaterra, possui influências pagãs e cristãs, entre outras coisas; ou seja, ele é um enigma.

Nos últimos dois séculos, o épico tem sido amplamente estudado, pois os elementos citados por Medeiros tornaram o poema um terreno fértil para as mais diversas possibilidades de interpretação, nos estudos históricos e linguísticos.

¹ J. R. R. Tolkien fez a tradução de *Beowulf* na década de 1920, mas a publicação foi póstuma, apenas em 2014, por seu filho Christopher John Reuel Tolkien.

Frederick J. Klaeber, filologista alemão e professor de inglês antigo e médio na Universidade de Minnesota, produziu, no início do século XX, estudos significativos sobre a origem de *Beowulf*, e ainda hoje sua obra serve de aporte teórico para diversas pesquisas acerca do tema. Ao longo da História, diversos outros autores se debruçaram sobre os manuscritos, transcrições e traduções e chegaram às mais diversas conclusões sobre a origem do personagem. Richard North, pós-doutor no Departamento de Anglo-saxão, Nórdico e Celta, na Universidade de Cambridge, chegou a datar a produção do manuscrito e a escrever a quem ele foi dedicado.

Jorge Luis Borges, renomado escritor argentino, professor de literatura da Universidade de Buenos Aires, estudioso e professor de inglês arcaico, aborda os temas relacionados aos conflitos culturais e religiosos e sua importância no contexto de produção da obra. Já João Bittencourt de Oliveira, mestre na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, restringiu sua pesquisa e analisou as questões relacionadas ao sincretismo religioso e ao dualismo do bem contra o mal.

Andy Orchard, professor de anglo-saxão, na Universidade de Oxford, em seu livro *A Critical Companion to Beowulf* (2003), aborda as interpretações sobre assuntos básicos, como a origem, a data e o significado do poema, além de estudar o contexto do manuscrito e as metodologias para localizar o poema no tempo, o estilo e a estrutura da obra.

Estudos desse épico têm contribuído para formação acadêmica de diversos estudantes, sendo *corpus* de pesquisa de dissertações de mestrado, como a de Elton Oliveira Souza de Medeiros, *O Rei, O Guerreiro E O Herói: Beowulf E Sua Representação No Mundo Germânico* (2006) que investiga a importância do poema na sociedade e na aristocracia da Inglaterra anglo-saxônica.

Muito embora seja bastante expressiva a gama de estudos acerca do poema épico, alguns pontos ainda não foram totalmente explorados ou ainda não foram submetidos a análises sobre determinadas perspectivas. Desse modo, a partir da observação da presença de elementos culturais distintos na obra *Beowulf* na versão em prosa escrita por Tolkien, o que este trabalho se propõe a responder é: por meio de estudos sobre dialogismo e intertextualidade, é possível afirmar que existe relação intertextual entre *Beowulf* de Tolkien e a cultura religiosa cristã?

O poema *Beowulf*, vem sendo estudado há mais de dois séculos e ganha cada vez mais popularidade, recebendo traduções, adaptações e transposições de gênero

literário e de mídia (como adaptações a filmes e games). A escolha de sua versão em prosa, feita por J. R. R. Tolkien, em sua tradução para a língua portuguesa feita por Kyrmse (2015), apoia-se nas premissas da capacidade de alcance do texto pelo público e da relevância do autor, desde a reputação de sua carreira acadêmica no campo da tradução e dos estudos linguísticos, até sua maestria na produção literária.

Assim, para a realização deste trabalho tivemos como objetivo central a análise de *Beowulf*, de J. R. R. Tolkien, verificando paralelos com a escritura bíblica a ponto de evidenciar o diálogo entre o paganismo e o cristianismo. Para que este objetivo fosse alcançado, foi necessário fazer uma leitura minuciosa do romance junto aos excertos bíblicos. Finalmente, para analisar o processo intertextual presente no romance de J. R. R. Tolkien, foi imprescindível a pesquisa das teorias da intertextualidade.

Neste sentido, para o desenvolvimento desta pesquisa, verificou-se o processo de intertextualidade e interculturalidade em *Beowulf*, no que diz respeito a aspectos britânicos (uma vez que o poema é considerado basilar da literatura britânica), nórdicos (pois contém elementos da mitologia nórdica, especialmente na figura do herói – Beowulf) e latinos (constituídos pelas versões mais elaboradas da Bíblia cristã). Também foram relevantes as leituras da edição bilíngue de *Beowulf*, feita pelo estudioso brasileiro Erick Ramalho, em 2007, que fez considerações tanto sobre o processo da tradução como sobre o próprio poema, apresentando informações essenciais para o desenvolvimento desta pesquisa. A grande contribuição deste trabalho seria a proposta de apresentar a intertextualidade que promove o diálogo entre paganismo e cristianismo no romance de J. R. R. Tolkien.

Foram observadas algumas colocações sobre a intertextualidade, principalmente, pelo filósofo Mikhail Mikhailovich Bakhtin, em *Estética da Criação Verbal* (1997) e *Marxismo e a Filosofia da Linguagem* (2006). Também foram necessárias as leituras de “Interdiscursividade e intertextualidade” (2006), de José Luiz Fiorin. Outros textos que descendem dos estudos bakhtinianos sobre o diálogo, da mesma forma constituem a estrutura teórica dessa pesquisa, pois serviram de sustentáculo para as ideias e explicações como base da pesquisa. Notamos que a intertextualidade se fez porque há uma identificação da ideologia religiosa cristã com o desenvolvimento de *Beowulf* no enredo da obra.

Além disto, trabalhos acadêmicos relacionados aos temas aqui abordados, foram verificados para a estruturação das principais ideias trabalhadas nesse Trabalho de Conclusão de Curso. Entre os textos mais importantes está o de João Bittencourt de Oliveira, “Paganismo e Cristianismo no Poema de Beowulf”, escrito em 2010, no qual é examinada a combinação de ideais pagãos e cristãos em *Beowulf*; Elton Oliveira Souza de Medeiros, em sua Dissertação de Mestrado intitulada *O Rei, O Guerreiro e o Herói: Beowulf e sua Representação no Mundo Germânico* (2006), analisa a importância sócio-cultural de *Beowulf* para a construção do ideário e régias aristocráticas; Reinaldo José Lopes, em “*Quid Hinieldus eum Christo: A Obra de J. R. R. Tolkien como Mediação entre Paganismo e Cristianismo Germânicos*” (2005), explora como se deu a fusão de culturas religiosas na concepção da “Terra Média”.

Para um melhor desenvolvimento da pesquisa, este trabalho foi organizado em dois capítulos. Em “*Beowulf e J. R. R. Tolkien*”, que trata da composição do poema *Beowulf*, apresenta um estudo sobre a biografia do autor – sua vida pessoal, formação e trabalhos acadêmicos – também traz algumas considerações sobre suas obras publicadas e explora a ligação de Tolkien com o poema épico. No segundo capítulo, “*Considerações sobre Intertextualidade em Beowulf*”, discorre-se acerca da relevância dos estudos relacionados a *Beowulf*, e analisa a presença da intertextualidade da obra com a fé cristã.

CAPÍTULO 1 – BEOWULF E J. R. R. TOLKIEN

Beowulf, de J. R. R. Tolkien, é tradução de um poema épico de longa tradição no meio acadêmico devido à sua importância para os estudos históricos, culturais e filológicos. O poema, datado do séc. X, que conta a história do guerreiro nórdico, vem sendo amplamente investigado e, no contexto dos estudos do poema, o nome de Tolkien é um dos mais recorrentes para dar aporte teórico devido à sua grande contribuição acerca de suas investigações de *Beowulf* na área da filologia e, também, da perspectiva a qual o autor vê o poema – olhar esse que foi um dos

responsáveis por tirar a obra apenas dos estudos históricos e passar a ser vista como obra de arte.

Sendo assim, este capítulo trata, de forma breve, sobre como a obra vem sendo examinada ao longo da história e apresenta aspectos da composição do poema. Em sequência, mostra aspectos da vida, da formação pessoal e pontos da obra completa de J. R. R. Tolkien, destacando sua importância como escritor do gênero fantasia e como filólogo. Neste capítulo, também é apresentada a relação do autor com o texto do manuscrito original.

1.1 O ENCANTAMENTO DE *BEOWULF* AO LONGO DA HISTÓRIA

Beowulf é tido como a mais antiga epopeia da literatura inglesa. É uma narrativa fantástica com elementos como monstros e dragões. Também chama a atenção por ser um poema escrito na Inglaterra (cristã) que narra, nos moldes cristãos, os feitos de um herói escandinavo que luta contra seres de poder sobre-humanos e vence-os. A narrativa se passa em uma época diferente do contexto em que foi encontrado o manuscrito na Inglaterra. A origem do texto não tem data e locais precisos, nem se quer o autor da transcrição é conhecido. Isso faz de *Bewoulf*, uma obra de grandiosa riqueza. Neste sentido,

[...] trata-se de um texto que não tem um título; não é um original; não se sabe exatamente quando foi escrito, nem se sabe por quem e, no entanto, tem sido objeto de inúmeras interpretações, sobrevivendo a mais de dez séculos, mantendo-se fonte de interesse e de estudo até aos nossos dias e destacando-se por ser um extraordinário relato épico, aliás, o mais antigo das línguas modernas da Europa Ocidental. (AZUAGA; VARANDAS, 2014, p. 127).

Beowulf foi e é muito utilizado por historiadores por relatar situações que possibilitam a compreensão da época e essa utilização do poema se dá pelo fato dos relatos serem tão antigos e se mostrarem seguros em relação à historiografia ao relatar os rituais religiosos ou achados arqueológicos. Porém foi Tolkien, também estudioso de inglês antigo, que por meio de sua tradução permitiu acesso e proporcionou a revelação do potencial literário da obra. Sendo assim a narrativa é fonte de conhecimento literário e, também, a obra uma das mais importantes da literatura inglesa, visto que nela é possível observar elementos que compõe a identidade da cultura inglesa bem como as bases que estruturaram sua história e

língua. A tradução de Tolkien não seria a primeira, o que pode demonstrar que foi pelas mãos de Tolkien que a narrativa *Beowulf* tornou-se popularmente conhecida.

A forma como a narrativa é escrita e os cuidados na escolha dos léxicos que foram usados para transcrever a obra deixam-na mais atraente ainda. Um exemplar de literatura medieval com requintes de beleza e charme extremos. Um épico do gênero fantasia sensacional. É fascinante como uma história originada há mais de mil anos, que foi escrita por alguém desconhecido, ainda seduz o imaginário das pessoas. Luíza Azuaga e Angélica Varandas (2014, p. 129) comentam que, em *Beowulf*,

[...] encontramos narrados com rara beleza poética, vivacidade e realismo, a concepção de justiça, [...] o ideal guerreiro, a descrição pormenorizada dos rituais funerários germânicos, sendo até provável que parte da narrativa e algumas personagens, para além de Hygelac, provenham de um fundo histórico verdadeiro.

Um dos pontos de maior destaque no épico é a construção de seus personagens, mais precisamente a construção do protagonista, o qual deu nome à obra, *Beowulf*. Este é apresentado como o herói que vem de terras distantes em auxílio de um rei, disposto a se arriscar em viagens perigosas e a lutar contra monstros jamais vistos. O comentário a seguir, que enfatiza a relação do herói e sua busca por imortalizar seu nome, tem a ver com o caráter heroico do poema, evidenciando e relatando as características de suas viagens e façanhas:

Ele está em busca de um nome para si mesmo. Reputação é o tema chave do poema e de importância central a *Beowulf*. [...] O poema apresenta heróis guerreiros, viagens arriscadas e monstros fantásticos; o tema, exposto de maneira simples, é a luta perene do Bem contra o Mal. (OLIVEIRA, 2010, p. 4, 14).

Beowulf na condição de herói épico poderia ser interpretado como um herói completo. Ora altruísta, ora egocêntrico, reproduz a condição de mortal abençoado pela sua divindade dispondo de força sobre-humana mesmo sendo descrito como um humano normal. Sua moral, em momentos, é impecavelmente altruísta não procurando ganho de riquezas. Abstém-se de poder econômico e social quando aceita o trono de seu tio contra a sua própria vontade e assume destaques sociais e políticos, não por interesse próprio, mas sim por benefício de terceiros, de seu povo:

Os conflitos espirituais de *Beowulf* – ora em agir altruisticamente para o bem dos outros, ora para acumular recompensas e fama pessoal – são também uma chave para sua personalidade. No mesmo sentido, ele jamais

tem certeza se seu sucesso como guerreiro é devido à sua própria força ou à ajuda de Deus. (OLIVEIRA, 2018, p. 3).

O épico traz, em Beowulf, várias características de herói. É claramente perceptível a construção do personagem por meio de “vestimentas” que confortam, seduzem e cativam o leitor de maneira que propiciam aceitação e até mesmo estima pelo personagem. As palavras de Oliveira constataam essa ideia:

Na história de Beowulf, podemos identificar vários traços de caráter que definem o herói anglo-saxônico, a saber: lealdade, força física, coragem, bem como sagacidade, cortesia, e, acima de tudo, o comprometimento com a salvação de seu povo. Todos esses traços são evidenciados, principalmente, nas três batalhas que Beowulf tem de enfrentar, ou seja, com Grendel, com a mãe de Grendel e com o dragão. (OLIVEIRA, 2018, p. 1).

Desta maneira, Beowulf é individualista, corajoso, viril, sedento por glória e dotado de vida, a qual deve findar em batalha (Valhala). Ele é profundamente honrado e leal, cumpridor de seu destino implacável. O herói segue seu juramento ao rei (representante de Deus na terra local, pois até mesmo Grendel não o atacara, uma vez que o rei estava sob a proteção divina), lutando por seu reino. Essa é uma atitude de caráter totalmente medieval e, também, de caráter cristão, pois Beowulf em momento algum demonstra indícios de usurpar o trono. Pelo contrário, o herói vem em auxílio ao rei. Esse é um dos pontos que reforça a ideia de Beowulf ser exposto com vestimentas cristãs, pois a lealdade e a obediência ao rei são também a lealdade e obediência a Deus.

Mesmo tendo a roupagem de personagem cristão, pois em muitos dos seus discursos cita o nome do único e verdadeiro deus, o herói é desenhado com estereótipos nórdicos remetendo à cultura religiosa de povos germânicos, o que torna a narrativa ainda mais interessante do ponto de vista histórico literário. *Beowulf* é de tamanha importância que até hoje é objeto de pesquisa tanto literária quanto histórica. Dessa forma é imprescindível que tal narrativa mereça a atenção como documento histórico, linguístico e, da mesma forma, artístico:

Durante vários anos o interesse por *Beowulf* foi puramente acadêmico [sic] e centrou-se, principalmente, na sua vertente linguística e histórica, até que Tolkien, professor de anglo-saxão em Oxford, de 1925 a 1945, publicou um ensaio, *Beowulf: the Monster and the Critics*, onde sublinha que os elementos fantásticos do poema (dragão, monstros e outros seres sobrenaturais) são o centro da narrativa e devem ter um papel central na obra, argumentando que, nas lutas contra tais criaturas, o poeta espelha com maestria a vida humana nesta terra. Assim, *Beowulf* merece ser lido

não apenas como um documento histórico ou linguístico, mas também como uma obra de arte. (AZUAGA; VARANDAS, 2014, p. 128).

Um dos fatores seriam as descrições de rituais e locais os quais são revelados na obra, bem com os achados arqueológicos como o salão real encontrado em Yeavinger, na Nortúmbria. Essa seria uma das facetas que faz de *Beowulf* uma riqueza histórica e literária. Outra questão que faz de *Beowulf* um relato maravilhosamente sedutor é a sua resiliência existencial durante os anos. Não há data específica de sua origem escrita. Porém o fato narrado em *Beowulf* (relato do *raid* nórdico à Frísia) data de época anterior ao qual é datado o pergaminho. Essa seria uma das evidências, demonstrando que a narrativa teria sobrevivido por meio da tradição oral, o que mostra o quão importante foi sua constituição histórica e enorme valor literário na época, ou seja, o conto é de tão grande importância para a cultura nórdica que não foi esquecido:

Acontece que a arqueologia funerária, tanto na Inglaterra, em Sutton Hoo, como na Suécia, em Vendel, juntamente com a escavação de alguns sítios, como o salão real descoberto em Yeaverin, na Nortumbria, consolidam o poema enquanto fonte histórica. Assim, além do seu valor literário, é inegável que *Beowulf* possui um considerável valor histórico para o estudo da sociedade anglo-saxônica. (AZUAGA; VARANDAS, 2014, p. 129).

Por mais que se possa imaginar *Beowulf* como mecanismo de manipulação da sociedade, não há provas documentais de que o épico tenha sido usado como ação para controle de uma massa. Contudo, é evidente que a narrativa foi e é de grande importância para manter as tradições dos povos germânicos bem como sua assimilação ao cristianismo, pois deu uma *roupagem* mais aceitável tanto para os antigos nórdicos quanto para os novos cristãos, ou seja, para aqueles que ainda prezavam por suas antigas tradições e que aceitavam novos costumes, enriquecendo sua identidade como um povo em meio à sociedade da época na qual foi transcrito épico. Assim,

[...] o mundo ficcional serve de paradigma ao revelar como as infrações ao ideal guerreiro, os atropelos da justiça e os comportamentos bárbaros dos antepassados os levaram à ruína; no entanto, na escolha do tema, e nos pormenores apresentados, como por exemplo, os mecanismos de origem e manutenção real, o ideal de excelência na conduta do rei, chefe guerreiro cercado pelos seus pares, que lhe prestam serviço em troca da sua generosidade, sentimos que a velha tradição ora, sujeita a revisão é certo, mesmo desafiada e desconstruída, se perpetua e influencia. Como num salão de espelho, a nossos olhos, o reflexo do herói muda com o tempo, em seu próprio tempo, revelando uma cultura germânica anglo-saxônica que ainda não se alterou por completo, mas que aprende a apreciar a nova ordem proposta pelo cristianismo. (AZUAGA; VARANDAS, 2014, p. 130).

Uma questão de importantíssimo cunho sociocultural no qual *Beowulf* como obra literária está inserido é a fase de sincretismo religioso e fusões culturais anglo-saxônicas. É de ter em vista que por mais “nórdicos ou cristãos” que fossem os habitantes do contexto no qual a obra foi originada, deve-se considerar que nem todos detinham o privilégio de uma educação que proporcionasse o saber ler. Sendo assim é notório que uma elite social fosse o público que teria acesso ao épico. Essa ideia remete a uma suposta construção de um consciente coletivo no qual as tradições pudessem ser praticadas ou lembradas sem remeter que seria visto como heresia por ter em sua constituição mitos e ritos pagãos. Então, a obra pode ser vista não como ferramenta de catequização, mas sim como ponte entre culturas. Dar-se-ia assim fortalecimento à sociedade ao invés de cisma. Dando assim à obra mais um dos tantos motivos que a torna tão apaixonante e prazerosa de ser lida.

Com o fato de que situações que mostram rituais, costumes e crenças tanto cristãs como pagãs estão descritas no épico, é possível interpretar que o autor do texto tivesse ligação íntima com a (no mínimo interesse literário pela) cultura nórdica. Porém, como pode ser visto a seguir, a ideia de que um religioso cristão o tenha escrito é de extrema relevância. Provavelmente quem registrou ou transcreveu o poema foi (ou eram) detentor(es) de conhecimento eclesiástico:

A história, entretanto, deve ter sido veiculada no início oralmente e, mais tarde, compilada por um monge que poderia ter incorporado algumas crenças cristãs, já que o Cristianismo estava inabalavelmente ganhando terreno. O autor procura reconciliar vários conceitos pagãos com elementos do Cristianismo e escreve, talvez, com o propósito de suprir uma ligação entre o Cristianismo da Inglaterra do século VIII e seus ancestrais pagãos. (OLIVEIRA, 2018, p. 4).

A obra, como diz Borges (2002, p. 25), “é comida forte, não é obra para os delicados”. Em sua constituição há generosas doses de tumulto e violência. O épico reúne características sobre o clima, o território, a cultura de um povo, a religião de um povo que é formado por não somente uma etnia. É difícil de acreditar que “um homem de paz, na tranquilidade de um monastério” (BORGES, 2002, p. 25), a teria escrito. Vale lembrar que somente quem era de classe abastada ou um integrante do clero cristão poderia possuir o “poder de imortalizar o som” com pena e tinta, ou seja, um monge. Porém, um monge com sangue *viking*. Como explicam as palavras de Borges (2002, p. 25), “estes monges anglo-saxões, no entanto, tinham sangue de guerreiro, eram filhos e netos de vikings.”

Outro indício de que a obra foi escrita por um estudioso religioso de origem *viking* são os estudos de Oliveira. Porém, no mesmo fragmento é destacada a ausência do nome do autor do poema:

[...] Com grande probabilidade, quem primeiro vazou a lenda épica de Beowulf nos melhores preceitos de arte e a transcreveu numa língua denominada inglês-saxônico foi um clérigo cristão que se não era nórdico de nacionalidade o era pelo menos em afinidade e interesses. Esse autor desconhecido, que viveu provavelmente na primeira metade do século VIII, é identificado simplesmente como o “Poeta de Beowulf”. (OLIVEIRA, 2010, p. 15).

A seguir, o fragmento constata a interpretação de que a escrita era uma habilidade que poucos dominavam, bem como a leitura. O conhecimento necessário para se adquirir tais competências não estavam dispostas a toda e qualquer figura da sociedade medieval:

Até o ano 1000, a escrita expandiu-se lentamente (existiam poucas cópias dos textos, a técnica de compilação era morosa e complexa, poucos dominavam a escrita e a leitura era um hábito pouco comum) e por isto dependia muito da oralidade. (BENEDETTI, BOVO. 2002 p. 2).

1.2 - J. R. R. TOLKIEN – UM DOS RECRIADORES DE *BEOWULF*

1.2.1 John Ronald Reuel Tolkien

Desde o lançamento de seu primeiro livro do gênero mitologia, o aclamado mestre da fantasia viu sua vida mudar. John Ronald Reuel Tolkien, o professor de vida e hábitos discretos e apaixonado pelas árvores, pôde desfrutar de popularidade, gozou de uma confortável situação financeira em sua velhice e pôde observar sua vida e obra tornando-se objetos de estudo. *O Hobbit* (1937), o primeiro trabalho publicado da instigante e complexa ficção de produção do Professor Tolkien, deu início a uma bem-sucedida carreira de escritor de fantasia que conta com diversos contos e livros que encantam leitores de todas as partes do mundo e das mais variadas idades.

Apesar de a aventura do pequeno Bilbo Baggins, morador da Bag End (Bolsão), ter sido a primeira mostra da genialidade do escritor ao grande público, um longo percurso já havia sido percorrido por Tolkien. Para se observar de forma mais clara como Tolkien se tornou um escritor de notável importância e respeito, faz-se

necessária a análise de sua vida e obra. Para tanto, as ferramentas utilizadas para o estudo acerca do escritor foram as biografias produzidas por Humprey Carpenter (2015) e Michael White (2016). Nelas, os autores se dedicam a juntar informações da vida de do escritor, com base “[...] nos diários e em outros escritos do falecido professor J. R. R. Tolkien, e nas reminiscências de sua família e seus amigos” (CARPENTER, 2015, p. 6).

Muito embora essa abordagem pareça um contrassenso ao se tratar desse autor em particular, pois segundo Carpenter, Tolkien era categórico ao afirmar que “[...] a investigação da biografia de um autor é uma abordagem inteiramente vã e falsa às suas obras” (CARPENTER, 2015, p.6), a análise a partir dos aspectos pessoais da vida do escritor acabam sendo inevitáveis. Conhecer as influências, os métodos de trabalho e produção e sua obra como um todo, mostra-se um campo fértil para elaborar hipóteses e, desse modo, encontrar respostas necessárias para a produção do trabalho.

O próprio Tolkien tinha plena consciência da semelhança entre o criador e a criação. ‘Sou de fato um hobbit’, escreveu certa vez, ‘em tudo exceto no tamanho. Gosto de jardins, árvores e fazendas não mecanizadas; fumo cachimbo, gosto de comida simples (sem refrigeração), mas detesto a cozinha francesa; gosto, e até ousa vesti-los nestes dias aborrecidos, de coletes ornamentais. Aprecio cogumelos (colhidos no campo); tenho um senso de humor muito simples (que cansa até mesmo os críticos que me são favoráveis); deito-me tarde e levanto-me tarde (quando possível). Não viajo muito’. (CARPENTER, 2015, p. 114).

Sendo assim, a seguir encontram-se alguns aspectos da vida do autor da obra que compõe o *corpus* de pesquisa deste trabalho.

Filho de Mabel Suffield e Arthur Tolkien, nascido na noite de 3 de janeiro de 1892 em Bloemfontein, capital do Estado Livre de Orange, atualmente província da África do Sul, John Ronald Reuel Tolkien foi o primogênito do casal britânico que se mudara para a África devido ao trabalho de Arthur que se tornara gerente de uma filial do Bank of Africa. J. R. R. Tolkien ficou órfão de pai logo aos 4 anos de idade, enquanto estava de férias com sua mãe e irmão mais jovem na Inglaterra visitando seus avós. Arthur Tolkien faleceu em Bloemfontein, o que forçou sua Mabel mudar de vida de forma drástica, sendo amparada financeiramente apenas por um pequeno investimento, pouco lucrativo, que Arthur fizera ainda em vida, e com ajuda da família.

Por força da situação financeira desfavorável, Mabel deu início à instrução do jovem John em casa. Prodigiosamente, o menino com apenas 4 anos de idade já sabia ler e passou logo a escrever: a senhora Tolkien, mãe e professora, ensinava-lhe línguas e caligrafia, matérias com as quais o futuro escritor mostrava muita facilidade na assimilação do conteúdo.

Quando a pequena família – formada por John, seu irmão mais jovem, Hilary, e Mabel Tolkien – mudou-se para Sarehole, um vilarejo na região rural da Inglaterra, houve uma mudança drástica nas relações de interação dos irmãos com o mundo que os cercava: Hilary Tolkien, com pouco mais de dois anos e meio, já acompanhava seu irmão mais velho em explorações pela nova paisagem. Muito embora ambos fossem bastante jovens, as experiências foram marcantes e fundamentais na formação do autor de *O Senhor dos Anéis*. A curiosidade pela natureza era instigada pela mãe, que lhe deu lições de botânica, assunto para o qual ele demonstrava grande aptidão que, aliado ao talento particular ao desenhar paisagens, fez com que o menino desenvolvesse um gosto especial pelas árvores.

Sua relação com a literatura também começou cedo. Sua mãe, quando não estava dando lições específicas de latim, francês, botânica, caligrafia e entre outras, dava-lhe diversos livros de contos e aventura, entre eles *Alice no País das Maravilhas* (1865), de Lewis Carroll, os contos de Hans Andersen, dos quais ele não alimentou apreço. O que lhe deixavam entusiasmado eram os livros de aventura, com combates, seres malévolos em reinos remotos, guerreiros, diabretes, as lendas arturianas. Humprey Carpenter diz em seu livro que:

Mas, acima de tudo, o que mais o deliciava eram os livros de fadas de Andrew Lang, especialmente o *Red Fairy Book*, pois, nas suas últimas páginas, estava a melhor história que já lera. Era a história de Sigurd, que matou o dragão Fafnir. (CARPENTER, 2015, p. 20).

A força e o vigor da narrativa o encantaram. A fascinação que a leitura provocara fez com que J. R. R. Tolkien começasse a escrever sua própria história aos 7 anos de idade.

O jovem Tolkien foi matriculado na King Edward's, mesma escola que seu pai frequentara, mas a longa distância do trajeto de sua casa até a instituição de ensino forçou sua mãe a procurar uma nova residência para encurtar o caminho que Tolkien deveria fazer todos os dias até a King Edward's, o que fez com que os irmãos fossem privados da paisagem que tanto lhes encantara. Mas as mudanças

não pararam somente na troca de casa. Mabel há algum tempo pensava em se converter a uma nova prática religiosa, o catolicismo. No entanto, ela sabia que enfrentaria grandes críticas por parte de seus familiares. Tanto Tolkiens quanto Suffields eram absolutamente contra essa mudança: Seu pai, John Suffield, metodista, considerava um ultraje sua filha se tornar uma papista. Desse modo, cercada por anglicanos, metodistas e batistas, que se opunham fervorosamente à mudança de credo, Mabel não só se converteu como passou a educar seus filhos na fé católica.

Pouco tempo depois, uma nova mudança: outro lar e outra escola, dessa vez uma instituição dirigida por sacerdotes católicos, a escola secundária de S. Felipe. Mas o que realmente foi marcante na vida da pequena e recém convertida família foi a grande amizade com o Padre Francis Xavier Morgan, que passou a ser tutor responsável por John e Hilary após a morte de Mabel Tolkien, ocorrida em 1904.

Os irmãos Tolkien, em 1908, foram morar em um quarto alugado em uma casa próxima ao oratório do Padre Francis. Lá, John encontrou a também órfã Edith Bratt, que mais tarde viria a ser sua esposa. Nessa época, J. R. R. Tolkien se preparava para concorrer a uma vaga em Oxford, e o amor entre os jovens não era bem visto pelo tutor dos Tolkien, que proibiu que o casal desse continuidade ao romance até que J. R. R. Tolkien completasse 21 anos. Três anos depois da separação, já estudando em Oxford e emancipado, Tolkien e sua amada se reencontraram e decidiram ficar juntos.

Ainda na King Edward's, John Ronald, como era chamado pelos amigos mais próximos, contribuiu com a formação da T.C.B.S. (Tea Club and Barrovian Society), um grupo de amigos da escola que se reunia para leituras, estudos e, segundo John Garth, no premiado artigo "Tolkien's 'Immortal Four' Meet For The Last Time"² publicado em 2015, também "[...] a jovem TCBS se envolvia em brincadeiras e zombarias³" (GARTH, 2015)⁴, e só foram separados pela grande guerra, na qual Tolkien se tornou oficial e foi aos campos de batalha na França. No ano de 1916, a batalha levou seus amigos, sobre isso Garth escreveu:

Rob Gilson foi morto no primeiro dia da Batalha de Somme, em 1º de julho de 1916. GB Smith, um poeta que talvez tenha compartilhado mais de perto

² Artigo premiado pela Tolkien Society Awards 2016.

³ Todas as traduções diretas do inglês ao português foram feitas por nós.

⁴ "[...] the youthful TCBS had been at least as much about drollery and japes" (GARTH, 2015)

a visão juvenil de Tolkien, morreu em 3 de dezembro de 1916 de feridas sofridas por uma explosão de uma bomba três dias antes. (GARTH, 2015).⁵

Isso fez com que apenas dois dos quatro amigos restassem: Christopher Wiseman e o próprio Tolkien.

Depois da guerra, Tolkien se tornou professor universitário. Nesse período fez amizade com outra figura de renome na literatura mundial, C. S Lewis, amizade que perdurou durante anos. Ambos faziam parte do grupo The Inklings, grupo formado para debates, estudos acerca da literatura e encontros para conversa. Nesse grupo informal composto por escritores, historiadores, filósofos, teólogos, entre outras figuras de grande prestígio no meio acadêmico, Tolkien pode recitar seus poemas e partes das obras de fantasia que vinha escrevendo desde a juventude.

J. R. R. Tolkien teve filhos, e viveu com sua namorada de juventude até 1971 quando Edith faleceu. O autor morreu aos 81 anos, em 1973, dois anos após ser nomeado Comandante da Ordem do Império Britânico.

1.2.2 Tolkien e a Religião

Educado na Fé católica por sua mãe, morando atrás de um oratório e tendo um padre como tutor, Tolkien se tornou um católico de fé inabalável. Tinha o exemplo de sua mãe como um guia para a prática de sua fé. Ele a via como um mártir de sua religião, pois acreditava que a morte prematura de sua progenitora ocorrera devido à negligência das famílias Tolkien e Suffield que a abandonaram depois de se tornar católica. Aos nove anos, após a morte da mãe, o jovem Tolkien escreveu:

Minha querida mãe foi de fato uma mártir, e não é a qualquer um que Deus concede um acesso tão fácil às suas grandes dádivas como concedeu a Hilary e a mim, dando-nos uma mãe que se matou de trabalho e preocupação para assegurar que mantivéssemos a fé. (CARPENTER, 2015, p. 26).

Após a morte da mãe, a religião ocupou o espaço da Mabel na vida dos meninos: “[...] a religião proporcionou-lhe consolo não apenas espiritual, mas também emocional. [...] [C]ertamente, a perda da mãe teve um profundo efeito sobre

⁵ “[...] was killed on the first day of the Battle of the Somme, 1 July 1916. G B Smith, a poet who perhaps shared Tolkien’s youthful vision most closely, died on 3 December 1916 of wounds sustained from a shell burst three days before” (GARTH, 2015)

sua personalidade. Tornou-o pessimista” (CARPENTER, 2015, p. 26). Como os irmãos eram responsáveis pela criação do padre Francis, eles passavam boa parte do tempo perto de seu tutor, próximo ao oratório, ambiente que proporcionava algum conforto emocional para os órfãos. Esse local, segundo Carpenter, “[...] logo transformou-se no verdadeiro lar de Ronald e Hilary. De manhãzinha, eles corriam para lá para auxiliar o padre Francis na missa, no altar lateral predileto da igreja do Oratório” (CARPENTER, 2015, p. 27). Essa vivência na fé católica tornou Tolkien um cristão devoto.

As marcas da devoção ao catolicismo podem ser notadas em alguns fatos de sua vida pessoal, como a influência que exerceu sobre C. S. Lewis no que diz respeito à visão do autor de *A Crônicas de Nárnia* (1950-1956) sobre a filosofia e a fé cristã. Sobre a relação com a nova religião, Lewis escreveu ao amigo Arthur Greeves: “[...] Acabo de converter-me da crença em Deus à crença definitiva em Cristo – no cristianismo. Tentarei explicar isto em outra ocasião. Minha longa conversa noturna com Dyson e Tolkien teve muito a ver com isso” (CARPENTER, 2015, p. 98). Ainda sobre a influência que exerceu sobre a religiosidade dos que o cercavam, é importante mencionar o seu comportamento com Edith, sua esposa, que antes do casamento teve que se converter ao catolicismo, pois segundo Michael White, autor de *J. R. R. Tolkien O senhor da Fantasia*, “[...] em sua cabeça, era impensável que a mulher com quem iria se casar não seguisse a mesma fé que Mabel Tolkien” (WHITE, 2016, p. 58), o que fez com que Edith se sentisse ressentida ao perceber que “[...] havia sido obrigada a aderir ao catolicismo” (WHITE, 2016, p. 58), pois John havia imposto essa condição para o casamento.

A formação religiosa de Tolkien influenciou direta e indiretamente sua produção. Isso pode ser observado pela presença de um “deus único” na obra *Silmarillion* (1977), como afirma Carpenter: “[...] O *Silmarillion* é obra de um homem profundamente religioso... O universo de Tolkien é governado por Deus, ‘O Único’” (CARPENTER, 2015, p. 63). Nessa obra em específico, é possível perceber como Tolkien deliberadamente apresenta sua visão religiosa. Indiretamente, também vemos a influência da fé cristã na tradução de *Beowulf* (2015). Todo o conhecimento acerca do cristianismo contribuiu no processo de tradução, o que possibilitou a manutenção de alguns aspectos fundamentais presentes no épico, como por exemplo, a ideologia religiosa.

1.2.3 Tolkien Filólogo

Tolkien, professor de anglo-saxão em Oxford, apresentou estudos significativos na área da filologia, mas seus estudos nessa área tiveram início muito antes, ainda em sua infância. O primeiro encantamento com o estudo das línguas teve início quando o jovem estudava na escola King Edward's e morava atrás da estação ferroviária. Lá, ele descobriu a língua gaélica em palavras escritas nos vagões de trem, sobre isso Carpenter escreveu:

[O]s nomes estranhos nos vagões de carvão que via nos desvios, nomes esquisitos que ele não sabia pronunciar, mas que exerciam sobre ele uma estranha atração. Foi assim que, meditando sobre *Nantyglo*, *Senghenydd*, *Blaen-Rbondda*, *Penrhiwceiber* e *Tredegar*, descobriu a existência da língua galesa. Mais tarde, ainda criança, foi a Gales de trem, e, enquanto os nomes das estações passavam num lampejo distante de seus olhos, deu-se conta de que ali estavam palavras mais apaixonantes do que quaisquer outras que jamais encontrara, uma língua antiga. (CARPENTER, 2015, p. 22).

Esse fascínio pelas linguagens que se iniciou com aprendizagem de línguas estrangeiras em lições ministradas pela sua mãe e as experienciadas na escola, tornaram Tolkien um jovem particularmente atraído pelas palavras, idiomas, dialetos e suas origens, e a literatura estava sempre lhe servindo como terreno para novas descobertas e estudos, como por exemplo a obra *Sir Gawain and the Green Knight* (Sir Gawain e o Cavaleiro Verde) *romance em versos aliterativos do século XIV*, escrito em médio-ínglês, “[...] poema que inflamaria sua imaginação... Tolkien deleitou-se com o poema e também com a sua linguagem, pois percebeu que o dialeto era aproximadamente o mesmo que fora falado pelos antepassados” (CARPENTER, 2015, p. 28). Ainda nessa época, arriscou-se a ler *Red Fairy Book* (1889), de Andrew Lang, a história de Sigurd e do dragão Fafnir escrita em antigo norueguês. “[...] A esta altura, adquirira um nível de conhecimento linguístico notável para um escolar” (CARPENTER, 2015, p. 28).

Tolkien, ainda na infância, deu os primeiros passos para a construção da própria língua. Com o passar do tempo e as experiências adquiridas com os estudos, novas línguas foram desenvolvidas munidas de um maior grau de complexidade. Em Oxford, no Exeter College, quando passou a estudar Filologia Comparada, teve contato com o finlandês e pôde aprender a língua que já era seu objeto de interesse desde que lera a versão traduzida para o inglês do poema *Kalevala*. O aprendizado que obteve junto a uma gramática finlandesa da biblioteca

de Exeter, produziu um efeito significativo sobre processo inventivo de línguas. A influência do finlandês foi fundamental e notável no surgimento da língua “Quenya”, ou alto-élfico, que surgiria em suas histórias.

Por perceber na obra *Kalevala* uma fonte de inspiração e um terreno criativo fértil que poderia contribuir com a herança cultural europeia, além de, é claro, servir de inspiração para novas produções que pudessem se valer dessa herança. Chegou a produzir um trabalho que foi lido para uma sociedade do colégio. Na explanação,

[...] começou a falar da importância do tipo de mitologia encontrado nos poemas finlandeses. ‘Estas baladas mitológicas’, disse, ‘estão cheia daquele substrato muito primitivo que a literatura da Europa como um todo vem mutilando e reduzindo continuamente por muitos séculos, com diferentes graus de eficiência e rapidez entre diferentes povos.’ E acrescentou: ‘Gostaria que nos houvesse restado mais – de algo semelhante que pertencesse aos ingleses.’ Uma ideia excitante. E talvez já pensasse em criar ele mesmo essa mitologia para a Inglaterra. (CARPENTER, 2015, p. 43).

Mais tarde, com estudos do Edda Anttigo, descobriu um compêndio de mitos e lendas islandesas que possivelmente tiveram origem anterior à colonização da Islândia. Todas essas influências foram profundas na imaginação e na obra de Tolkien como um todo. Desde os primeiros passos dados por John, até chegar a ocupar o posto de professor de anglo-saxão, a investigação das origens de diversas línguas e de suas literaturas foram trabalhos munidos de muita dedicação.

Os frutos dessa dedicação se expandiram a dois campos distintos e ao mesmo tempo interligados: a produção acadêmica científica e a sua produção de literária. A obra *Beowulf: The Monsters and The Critics*, de 1936, é um exemplo da significativa contribuição do autor para a área da filologia, pois, a partir desse ensaio, houve um despertar para os estudos dessa obra em específico. Tolkien também fez importantes contribuições com o médio-inglês na edição de *Vida e Paixão de Sta. Juliana* (1938), uma obra religiosa medieval escrita no dialeto do *Ancrene Wisse*, parceira feita com Simonne d’Ardenne. Antes disso, Tolkien, em parceria com E. V. Gordon, tinha projetos alinhados para outras produções na área acadêmica:

pretendia preparar uma edição do poema anglo-saxão *Exodus*, e, de fato, quase a completou, mas o trabalho nunca alcançou uma forma que considerasse satisfatória. Também planejava realizar mais trabalhos com E. V. Gordon, em particular uma edição de *Pearl* (um acompanhamento natural para *Gawain*) e das elegias anglo-saxãs *The Wanderer* (O Caminhante) e *The Seafarer* (O Navegante). (CARPENTER, 2015, p. 93).

As traduções que fez de *Pearl, Sir Gawain and the Green Knight* (1925) e *Sir Orfeo* (1944) tiveram problemas em suas publicações. Muito embora a tradução de Gawain tenha chegado a ser dramatizada e transmitida pela BBC, em 1953, a obra necessitava de muitas revisões. As referidas obras somente foram publicadas postumamente com organização de Christopher Tolkien. Carpenter esclarece:

Estas traduções foram, na verdade, as últimas obras publicadas de Tolkien no campo de filologia, pois, embora não sejam acompanhadas por notas ou comentários, são o resultado de um minucioso estudo de sessenta anos dos poemas, e em muitos trechos proporcionam uma interpretação sólida e esclarecedora de passagens difíceis e ambíguas dos originais. Mais importante, elas trazem esses poemas a um público que não os poderia ter lido em médio inglês, e constituem, portanto, uma digna conclusão da obra de um homem que acreditava que a principal função do linguista era interpretar a literatura, e que a principal função da literatura é proporcionar prazer. (CARPENTER, 2015, p. 94).

C. S. Lewis sugere que Tolkien foi diferente de todos os outros filólogos. Humphrey Carpenter (2015, p. 89) reforça que “[...] [s]eus escritos filológicos invariavelmente refletem a riqueza de sua mente. Trazia mesmo aos mais intrincados aspectos de seu tema uma graça de expressão e uma percepção do significado mais amplo do tema”, diz ainda, em *J. R. R. Tolkien Uma Biografia*, lamentar o fato de Tolkien não ter mais obras publicadas na área da filologia. No entanto, alerta que devemos nos atentar à sua influência, pois suas teorias e deduções foram utilizadas amplamente com ou sem seus devidos créditos no estudo da filologia inglesa (CARPENTER, 2015, p. 94).

1.2.4 - Tolkien Autor de Fantasia e Obras

“Numa toca no chão vivia um Hobbit”. Essa frase, anotada em um pedaço de papel, deu início à primeira obra ficcional de Tolkien, *O Hobbit*, aventura juvenil que no dia 21 de setembro de 1937 foi lançada pela editora britânica Allen & Unwin, com a qual o autor teve seu primeiro êxito com um livro do gênero fantasia e ganhou o prêmio de melhor livro juvenil da temporada do New York Herald Tribune. O sucesso do primeiro livro fez com que a editora se interessasse por mais material do autor premiado e logo tiveram a notícia que Tolkien tinha a intenção de publicar uma obra mitológica na qual já vinha trabalhando a muito tempo:

Silmarillion, embora admitisse que não era muito adequada como sucessora das aventuras de Bilbo Baggins; disse também que tinha várias histórias infantis curtas, ‘Mr. Bliss’, ‘Farmer Giles of Ham’ e ‘Roverandom’, e um

romance inacabado chamado *The Lost Road*. Unwin pediu a Tolkien que mandasse todos os manuscritos. (CARPENTER, 2015, p. 119).

Porém, a ideia de publicar um livro extenso que não seria a continuação de *O Hobbit* não agradou a editora que rejeitou *Silmarillion* (1977). No entanto, estavam entusiasmados com o escritor e solicitaram que Tolkien escrevesse a continuação da história do morador do condado. E assim deu-se início a uma nova obra.

O livro *O Senhor dos Anéis* (1954-1955) surgiu da necessidade da continuação de *O Hobbit*. No entanto, à medida que a nova história era escrita, ganhava cada vez mais volume e complexidade. Nela, Tolkien pôde também fazer uso das línguas criadas por ele e, desse modo, interligar e reforçar toda sua criação. Nesse processo, Tolkien traçou um elo de ligação de sua mitologia, desde *Silmarillion*, livro no qual estava trabalhando mesmo antes do seu primeiro livro de fantasia publicado, até a sua nova criação *O Senhor dos Anéis*. *O Hobbit* foi um livro de transição de um para o outro.

Devido ao grande volume, Tolkien teve que revisar, reorganizar e adequar algumas partes da nova obra e apenas no ano de 1954 uma de suas partes foi publicada. *O Senhor dos Anéis*, depois de muita negociação com a editora, na qual envolvia inclusive um compromisso de se publicar posteriormente a obra *Silmarillion*, teve que ser lançado em três partes, *A Sociedade do Anel*, lançada em agosto de 1954, *As Duas Torres*, lançada no mesmo ano, no mês de novembro e *O Retorno do Rei*, em outubro do ano seguinte. A cada lançamento, o número de fãs aumentava, o que transformou *O Senhor dos Anéis* no novo sucesso do gênero fantasia. Com isso, Tolkien ganhou muita popularidade e viu sua obra se espalhar pelo mundo, sendo traduzida para várias línguas. Apesar do sucesso, Tolkien não pôde ver *Silmarillion* ser publicado, faleceu no ano de 1973, mas seu legado foi assumido por seu filho Christopher Tolkien, responsável pelas obras do pai. *Silmarillion* foi publicado em 1977.

A obra ficcional de Tolkien não se resume apenas aos livros mencionados. As muitas outras foram publicadas ainda em vida, tais como *As Aventuras de Tom Bombadil* (1962), *Árvore e Folha* (1964), *A Última Canção de Bilbo* (1966), *The Tolkien Reader* (1966), *The Road Goes Ever On* (1967) e *Ferreiro de Bosque Grande* (1967). Outras, de forma póstuma, como *Roverandom* (1998), *Os Filhos de Húrin* (2007) e *The History of The Hobbit* (2007). A editora Allen & Unwin foi

detentora dos direitos de publicação até os anos de 1990, atualmente a editora Happer Collins detém esse direito.⁶

Os estudos na área da filologia, aliados à fé cristã e à paixão pela literatura do gênero fantasia, resultaram em um singular escritor de notória qualidade. Os escritos de Tolkien estão repletos de peculiaridades que deixam à mostra sua formação como sujeito, e presenteiam os leitores, tanto os interessados por assuntos acadêmicos quanto os leitores que somente querem viajar pelo universo de fantasia criado pelo escritor, com obras complexas, densas, meticulosamente medidas para alcançar os leitores de todas as esferas. Prova disso é o livro *O Hobbit – The Hobbit* (1937) – que mesmo destinado a um público juvenil, introduz-nos a um universo particular e conquistou pessoas das mais diversas idades e formações, assim como *Beowulf*, cuja dedicação dos estudos e produção em torno do poema proporcionaram uma mudança acerca de sua visão na esfera acadêmica, e sua tradução e transposição de gênero possibilitaram a acessibilidade do mais antigo poema épico anglo-saxão às pessoas de fora da academia, contribuindo, dessa forma, para o resgate e valorização da identidade cultural e histórica da Inglaterra.

Mesmo não tendo sido premiado com o prêmio Nobel de literatura, premiação em que concorreu nos anos de 1961 e 1967, Tolkien segue como um dos mais lidos e prestigiados autores de literatura fantástica.

1.2.5 - Tolkien e *Beowulf*

O livro, lançado em 2014, editado por Christopher Tolkien e publicado pela editora Harper Collins, intitulado *J. R. R. Tolkien Beowulf: A Translation and Commentary together with Sellic Spell*⁷ é uma tradução em prosa do poema épico *Beowulf*. A obra torna visível ao grande público a relação de Tolkien com a literatura anglo-saxã, visto que seus estudos direcionados a essa área eram voltados à academia e, sendo os estudos filológicos um assunto complexo, acaba por tornar os conhecimentos do professor de Oxford algo menos acessível às pessoas de fora da universidade.

⁶ The Tolkien Reader, The Road Goes Ever On e The History of The Hobbit. As últimas duas obras mencionadas não têm tradução para língua portuguesa.

⁷ J. R. R. Tolkien *Beowulf Uma tradução Comentada incluindo o Conto Sellic Spell*.

Beowulf é hoje uma obra muito visitada, mas nem sempre foi assim, visto que até a década de 1930 do século passado havia sido pouco explorada. Principalmente a partir das considerações de Tolkien, a obra passou a ser vista sob outras perspectivas. As traduções, que até o início do século XX haviam sido publicadas, não haviam alcançado grande relevância e nem despertado grande interesse. A história do guerreiro *viking* só ganhou destaque a partir dos estudos de Tolkien e com a publicação do artigo “Beowulf: The Monsters and the Critics” (1936), como comenta Carpenter:

E sua conferência Beowulf: The Monsters and the Critics (Beowulf: os Monstros e os Críticos), apresentada à Academia Britânica em 25 de novembro de 1936 e publicada no ano seguinte, é um marco na história da crítica deste grande poema anglo-saxão ocidental. (CARPENTER, 2015, p. 92).

Sobre a conferência que reajustou o caminho do poema épico no mundo acadêmico, vale mencionar o pensamento de Tolkien sobre como *Beowulf* era tratado com frequência. Segundo Carpenter (2015, p. 92), o escritor haveria dito que diversos críticos viam a obra como nada além de um amontoado de tradições literárias organizado de forma confusa ou texto unicamente para trabalhos acadêmicos. O estudioso escreve as palavras de Tolkien, que fez uso de termos imaginosos para descrever as abordagens dos estudiosos anteriores a ele:

Um homem herdou um campo onde havia um acúmulo de pedras antigas, parte de um edifício mais velho. Algumas das pedras já haviam sido usadas na construção da casa onde ele efetivamente morava, não longe da velha casa de seus ancestrais. Ele tomou algumas das restantes e construiu uma torre. Mas seus amigos, ao chegarem, perceberam imediatamente (sem se darem ao trabalho de subir os degraus) que essas pedras haviam pertencido a uma construção mais antiga. Assim, derrubaram a torre, não sem muito esforço, para procurar entalhes e inscrições ocultas, ou para descobrir de onde os longínquos antepassados do homem haviam obtido seu material de construção. Alguns, suspeitando que houvesse um depósito de carvão no subsolo, começaram a procurá-lo, e se esqueceram até mesmo das pedras. Todos diziam: ‘Esta torre é extremamente interessante.’ Mas também diziam (depois de a terem derrubado): ‘Em que desordem ela está!’ E até mesmo os descendentes do homem, que deveriam considerar as suas intenções, murmuravam: ‘É um camarada tão esquisito! Imagine, usar essas velhas pedras só para construir uma torre sem sentido! Por que não restaurou a antiga casa? Ele não tinha senso de proporção.’ Mas, do alto daquela torre, o homem pudera contemplar o mar. (CARPENTER, 2015, p. 92-93).

O que o professor de filologia de Oxford propunha depois seria a reconstrução da torre, dando o devido valor ao autor da obra, resgatando os valores do poeta, dos

personagens e da língua, dessa forma, resgatando a própria identidade de sua cultura.

Elton O. S. Medeiros diz que “[...] a inovação na abordagem de Tolkien foi justamente pela análise do poema em sua unidade e por sua verdadeira natureza: uma obra artística poética” (MEDEIROS, 2006, p. 12), e desse modo, *Beowulf* passou a ser visto como obra artística e não mais somente como alegoria histórica.

Muito embora o livro com a edição de Christopher Tolkien tenha sido lançado somente em 2014, a tradução feita por Tolkien em forma de prosa data de 1926. No entanto, o fascínio pelo poema é muito anterior:

O verdadeiro entusiasmo começou quando deixou os textos simples e voltou-se para o grande poema *Beowulf*. Ao lê-lo, primeiro em tradução e depois no antigo inglês, percebeu que era um dos poemas mais extraordinários de todos os tempos: a história do guerreiro *Beowulf*, sua luta com dois monstros, e sua morte após a batalha contra um dragão. (CARPENTER, 2015, p. 28).

Essa atração pelo universo do guerreiro *Beowulf* sempre fora deixado bastante evidente, como por exemplo nas reuniões do T.C.B.S nas quais Tolkien “[...] deleitava seus amigos com recitações de *Beowulf*” (CARPENTER, 2015, p. 35). Esse encanto pelos mitos e pela estrutura da obra o influenciaram de forma direta em produção literária. É possível perceber essa influência, por exemplo, em *Os Filhos de Húrin*, na qual a luta do herói retoma a ideia das façanhas realizadas pelo Homem Urso⁸ (*Beowulf*).

Michael White (2016, p. 110) comenta que, em Oxford, as disciplinas que tratavam do antigo escrito, *Beowulf*, eram as que mais chamavam a atenção. White usa o termo “memorável” para dar a impressão de que tinham muitos dos estudantes. Carpenter escreve também sobre a impressão que tinham os que assistiam a essas aulas sobre o poema. Comentando sobre a abertura do curso sobre *Beowulf*, descreve que Tolkien

[e]ntrava na sala em silêncio, fixava a plateia com o olhar e subitamente começava a declamar em voz ressoante os versos iniciais do poema em anglo-saxão, principiando com um grande grito de “*Hwæt!*”... Não era tanto uma recitação, mas uma representação dramática, uma encarnação de um bardo anglo-saxão no salão do hidromel, e impressionou gerações de estudantes porque os fez perceber que *Beowulf* não era simplesmente um texto obrigatório a ser lido para um exame, mas uma poderosa peça de

⁸ J. R. R. Tolkien apresenta o significado do nome *Beowulf* como Homem-Urso, em uma nota na qual visa esclarecer a aparição de dois personagens na história do poema (*Beow* e *Beowulf*). Devido a semelhança dos nomes Tolkien os difere pelos significados.

poesia dramática. Como expressou um ex-aluno, o escritor J. I. M. Stewart: “Ele conseguia transformar uma sala de aula em um salão de hidromel, onde ele era o bardo e nós éramos os convivas que se banquetevavam e escutavam.” Outro que esteve presente nessas aulas foi W. H. Auden, que, muitos anos mais tarde, escreveu a Tolkien: “Acho que nunca lhe contei que inesquecível experiência foi para mim, como estudante, ouvi-lo recitar *Beowulf*. A voz era a voz de Gandalf. (CARPENTER, 2015, p. 92; grifo nossos).

O exame que trata a citação acima não se tratava de uma tarefa comum, pois no curso de anglo-saxão da universidade de Oxford, na qual Tolkien era professor, segundo Christopher Tolkien,

uma das nove monografias que constituíam o exame final tratava do inglês antigo e, para realizá-la, era obrigatório ler uma parte substancial de *beowulf* no idioma original. A tradução de trechos dele era obrigatória no exame (TOLKIEN, 2016, p. 223).

O trecho a ser traduzido equivalia a mais da metade da obra original.

Para a edição do livro *J. R. R. Tolkien Beowulf: Uma Tradução Comentada*, Christopher Tolkien se valeu das anotações, material das aulas e conferências de seu pai. Os comentários do livro contribuem para preencher as lacunas e elucidar dúvidas que, por ventura, possam surgir durante a leitura da tradução, como por exemplo, a questão que trata da duplicidade do nome *Beowulf* na história do poema. Christopher transcreve as anotações do pai, e por elas é possível não só entender quem são os dois personagens, como também os possíveis motivos pelo qual há dois personagens com o mesmo nome (TOLKIEN, 2016, p. 238-241).

A publicação da tradução em prosa do poema épico só foi possível com o apoio dessas anotações, pois Tolkien não deixou um arquivo de tradução único, e mesmo após a conclusão da tradução houve várias correções, mudanças e considerações. O estudo constante na área da filologia, as aulas, artigos, conferências e ensaios produziram um vasto conteúdo relacionado a *Beowulf* desde a tradução, no ano de 1926, até que Tolkien deixasse a cadeira de professor de Oxford. A própria tradução em si estava em dois arquivos, um datilografado que compunha uma pequena parte e outra de forma manuscrita. Há ainda um outro arquivo, um terceiro texto datilografado que traz a tradução completa. Nesses arquivos podem ser notadas diversas modificações. Talvez isso se deva ao apurado senso crítico do autor, que não se mostrou satisfeito com o primeiro resultado da tradução, como mostra o excerto de uma carta arquivada da Oxford University Press: “Tenho todo o *Beowulf* traduzido, mas em grande parte pouco me agrada.

Vou enviar-lhe um exemplar para que o critique livremente” (TOLKIEN, 2016, p. 2). Toda essa gama de material e a responsabilidade de continuar com o legado do pai fizeram com que Christopher tivesse grande dificuldade em condensar todo o material em um livro consigo, para, desse modo, seguir o caminho de Tolkien que se preocupava com o acesso da obra pelas pessoas que não detivessem conhecimentos profundos acerca da mitologia, filologia, e a literatura erudita.

O enredo da história do guerreiro *geta*, na versão em prosa de Tolkien, se divide basicamente em três partes, sendo a primeira, a introdução e apresentação de Beowulf em seu universo, na qual evidencia suas qualidades como extraordinário guerreiro, homem honrado, aventureiro, corajoso e, também, destaca sua força sobre-humana. A segunda parte narra seus combates com os personagens bestiais (Grendel e sua Mãe), invencíveis até então – feito grandioso que seria impossível para qualquer outro guerreiro. A terceira parte conta como ele se torna rei e termina com um desafio ainda maior, o combate com um dragão. Após descrever a luta corajosa e feroz em que aniquila o monstro mitológico, o livro segue com a morte do bravo guerreiro nórdico que se dá logo na sequência, ainda na caverna da besta, devido aos ferimentos do combate. Assim se dá o fim da jornada do herói.

CAPÍTULO 2 – CONSIDERAÇÕES SOBRE INTERTEXTUALIDADE EM *BEOWULF*

A tradução de *Beowulf* de Tolkien teve sua primeira versão concluída no ano de 1926. No entanto, os estudos sobre o poema continuaram durante toda a carreira como professor na academia. Na publicação em 2014, editada por Christopher Tolkien, filho do autor, além do texto (*Beowulf*), são inseridos muitos estudos que podem guiar o leitor pelo processo de tradução, deixando evidente o comprometimento do professor de filologia com a obra, sua preocupação em tentar manter o conteúdo temático e ao mesmo tempo tornar a obra mais acessível para leitores pouco afeitos a termos eruditos. Assim, seguros da manutenção do conteúdo temático, pode-se traçar ligação entre a obra original (manuscrito) e a tradução de Tolkien em relação aos escritos bíblicos.

Este capítulo tratará da análise dos aspectos intertextuais presentes em *Beowulf*, de J. R. R. Tolkien. Dividida em três partes, a análise primeiramente argumenta a respeito da construção do texto original, que serve como base para a tradução Tolkien, e sua relação com a ideologia cristã. Em seguida, apresenta a análise da presença do deus cristão na versão em prosa de *Beowulf*. A terceira parte do estudo relaciona diretamente os textos bíblicos com a obra de Tolkien, mostrando de forma mais evidente a ligação entre as culturas religiosas cristã e nórdica antiga.

2.1 PONTOS SOBRE INTERTEXTUALIDADE NO ENREDO DE *BEOWULF*.

Ao tratar-se de *Beowulf*, podemos perceber que muitos estudiosos não somente encontraram na obra conhecimento para ampliar seus saberes como continuam em busca de novos. Dessa forma, *Beowulf* continua sendo uma fonte muito grande de conhecimento, tanto para pesquisadores da área da literatura, como da linguística e da história, dentre outras. *Beowulf* tornou-se um ícone da cultura britânica. Dos trabalhos já produzidos a partir das análises do poema, os que dizem respeito à cultura e à tradição presentes na obra já poderiam ser muito extensos e complexos, como afirma Elton Oliveira Souza de Medeiros (2006, p. 11), quando diz que um estudo neste sentido poderia render uma dissertação, “[...] sem a pretensão de estabelecer um ensaio sobre toda esta tradição Beowulfiana”. Tamanha é a força da cultura em torno do épico, que escritores e estudiosos de renome o buscam.

Muitos estudiosos como J. R. R. Tolkien, Seamus Heaney e Erick Ramalho, aqui no Brasil, a partir da tradução do poema original, procuram fazer vínculos entre os discursos do passado e sua relevância para o presente. O leitor de nossa contemporaneidade pode perceber que a Bíblia cristã exerceu forte influência na realização desse texto. Assim, consideramos muito relevantes os entrelaçamentos de aspectos cristãos (monoteísta) e da religião nórdica antiga (politeísta), pois o enredo mostra o desenvolvimento da vida do protagonista, um guerreiro nórdico, sob a égide de um deus cristão.

Um ponto fundamental para dar início à discussão acerca dos intertextos que ligam a cultura religiosa cristã à versão em prosa de *Beowulf*, de J. R. R. Tolkien, é

compreender o conceito de intertextualidade de forma correlata ao dialogismo bakhtiniano.

Inicialmente, apresentamos um conceito de dialogismo apresentado por Bakhtin: “[...] As relações dialógicas, antes de serem apenas relações entre textos, são entendidas como relações entre vozes e essas vozes pertencem a sujeitos – sejam estes passíveis de identificação ou não” (MACIEL, 2016, p. 3). Deste modo as relações dialógicas são intersubjetivas. O enunciado nesse processo é responsável pela efetivação das relações dialógicas porque é através dele que se dá o ato comunicativo.

A intertextualidade é uma terminologia inserida no contexto acadêmico pela estudiosa Julia Kristeva entre as décadas de 1960 e 1970 a partir de sua interpretação das postulações bakhtinianas. Segundo Fiorin (2006, p.163 *apud* Maciel, 2016, p.3), para Kristeva, a intertextualidade está relacionada diretamente com o procedimento de constituição do texto. No entanto, vários estudiosos discordam da posição de Kristeva sob a alegação de que a terminologia não representa de forma correta os pensamentos bakhtianos sobre o dialogismo pois, nas considerações da estudiosa francesa, a intertextualidade apresenta-se na camada exterior do enunciado, fenômeno que acaba por ofuscar o sujeito, contradizendo os estudos de Bakhtin que apresenta o dialogismo como ato intersubjetivo no qual os sujeitos (singulares em suas formações ideológicas) são indissociáveis ao enunciado.

A ligação ente intertextualidade e dialogismo adotada para discussão do trabalho é a explicada por meio dos estudos de Fiorin que por uma abordagem conciliativa encontra um ponto comum de relação entre as terminologias conceituais. Para ele:

[h]á claramente uma distinção entre as relações dialógicas e aquelas que se dão entre textos. Por isso, chamaremos qualquer relação dialógica, na medida em que é uma relação de sentido, interdiscursiva. O termo intertextualidade fica reservado apenas para os casos em que a relação discursiva é materializada em textos. Isso significa que a intertextualidade pressupõe sempre uma interdiscursividade, mas que o contrário não é verdadeiro. Por exemplo, quando a relação dialógica não se manifesta no texto, temos interdiscursividade, mas não intertextualidade. (FIORIN, 2006, p. 181)

Maciel explica o pensamento de Fiorin dizendo o seguinte:

Da explanação de Fiorin, é possível depreender dois aspectos: (i) há uma relação de abrangência entre dialogismo (ou 'interdiscursividade') e intertextualidade: toda relação intertextual é dialógica, mas nem toda relação dialógica é intertextual; (ii) as relações dialógicas podem ser 'não mostradas', 'não explícitas', já a intertextualidade aparece sempre 'materializada em textos', 'manifesta no texto'. (MACIEL, 2016, p. 3).

Assim, a criação do fenômeno intertextual se efetiva pelo registro físico. No entanto, durante a análise, faremos uso do pensamento bakhtiniano acerca do dialogismo, pois embora haja uma relação entre os termos, ao longo das análises de *Beowulf*, percebe-se que nem sempre a intertextualidade está presente. Segundo Maciel:

O termo 'intertextualidade' sugere uma relação externa entre textos e, ao que parece, é nesse sentido que o vocábulo vem sendo usado. Porém, mesmo nesse caso, o termo 'dialogismo' ou a expressão 'relações dialógicas' são mais apropriados por remeterem à ideia de que não se retomam 'textos', como uma unidade abstrata, mas vozes de sujeitos histórica e discursivamente inscritos. (MACIEL, 2016, p. 13).

Entendemos *Beowulf* como um texto construído, principalmente, por outros textos, cristãos e nórdico antigo, constituindo um processo dialógico, mas também construído a partir do imaginário criado na verbalização da literatura oral (nas histórias das lutas e conquistas de novas terras contadas pelos povos). Segundo Bakhtin, no que tange à construção da obra, sempre haverá, de forma direta ou indireta, um vínculo com obras anteriores, pois "[...] [e]m cada época de sua existência histórica, a obra é levada a estabelecer contatos estreitos com a ideologia cambiante do cotidiano, a impregnar-se dela, a alimentar-se da seiva nova secretada" (BAKHTIN, 2006, p.114). A ideologia cristã, que norteia a construção dos sujeitos, no caso de *Beowulf* de Tolkien, manifesta-se por meio de correlações estabelecidas entre as histórias e doutrinas registradas nos livros que compõe a Bíblia Sagrada e a lenda do guerreiro Beowulf.

2.1.1 Escrita a Partir da Ideologia Cristã

O texto original *Beowulf*, como já citado anteriormente, é um poema que foi escrito em inglês antigo, por volta de 680 e 725, de autoria desconhecida, e apresenta-se por um manuscrito produzido por volta do séc. X. Recorrer a essas informações de cunho histórico e factual, que circundam o texto e sua atmosfera, faz-se necessário, uma vez que diversos pontos a serem apresentados na discussão

da relação dialógica entre as culturas religiosas nórdica antiga e cristã passaram por aspectos de crivo ideológico dos sujeitos contemporâneos ao manuscrito. Muito embora o texto em análise seja uma tradução em prosa feita por Tolkien, é fundamental observar os elementos que compõem a versão original, pois os aspectos dialógicos e intertextuais que estão em análise têm as bases alicerçadas no *Beowulf* escrito em anglo-saxão.

O primeiro ponto a ser apresentado está relacionado à obra física original e a como ela foi escrita, com base nela, do manuscrito e de seu contexto de criação, é possível observar o entrelaçamento das culturas religiosas. Estudos apontam que a obra, de características épicas, além de ser uma construção em conjunto, feita por mais que um poeta/transcritor, ainda indica a possível origem religiosa cultural, pois segundo Erick Ramalho (2007, p. xi):

a única coisa de que se tem notícia *Beowulf* é fruto do trabalho de um poeta cristão desconhecido, talvez com a contribuição de outro(s) poeta(s), embora não se saiba ao certo se o trabalho desse(s) poeta(s) compreende o processo inteiro de composição dos versos ou se diz respeito apenas à adaptação de um poema anterior, oral e pagão, produzido por um scop, poeta anglo-saxão.

Assim, as considerações do estudioso nos apontam para um trabalho produzido por um religioso cristão.

Ainda sobre a origem do poeta que compôs os versos, ou os transcreveu (realizou o processo de transposição do gênero oral para o escrito), Tolkien escreveu que “[...] o autor de *Beowulf* não era pagão, mas escreveu em uma época em que o passado pagão ainda estava muito próximo tanto que não somente eram lembrados alguns fatos, mas também humores e motivos” (TOLKIEN, 2018, p. 244). A desassociação do poeta à religião nórdica nos dá indícios da sua possível ligação ideológica cotidiana, sendo essa vinculada de algum modo aos preceitos cristãos.

O ato de escrever, transcrever ou registrar histórias se tornou algo comum depois do início da cristianização do povo anglo-saxão. Patrick Wormald discute sobre o papel do cristianismo no processo de alfabetização do povo anglo-saxão no artigo “Anglo-Saxon Society And Its Literature” (1991), embasado por Bede⁹ (ou São Bede), que conta a história da conversão dos anglo-saxões ao cristianismo. Na obra *História Eclesiástica do Povo Inglês*¹⁰, Wormald relata que, em 597, o Papa Gregório

⁹ Monge inglês, também conhecido como Venerável São Bede e Pai da História Inglesa.

¹⁰ *Ecclesiastical History of the English People*, concluída em 731.

Magno enviou uma missão ao povo que ele chamou de ‘ângulos’¹¹. Ressalta ainda que:

O cristianismo, uma ‘religião do Livro’, trouxe alfabetização em uma escala totalmente diferente de qualquer forma de comunicação escrita que pagãos possam ter usado. Em pouco tempo, trouxe história escrita.¹² (WORMALD, 1991, p. 3).

E a escrita, por se tratar de algo de grande prestígio, era de domínio da nobreza ou clero. Logo, os trabalhos de escrita ou transcrição estavam submetidos (direta ou indiretamente) ao ideário da época.

Bakhtin, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2006), apresenta como se dá o processo de criação mediado pela ideologia. Explica que a obra se situa num contexto social determinado e por isso se associa a uma ideologia cotidiana contemporânea à escritura que, segundo Bakhtin (2006, p. 113), é responsável por cristalizar “[...] os sistemas ideológicos constituídos da moral social, da ciência, da arte e da religião”. Desse modo, com a produção e discurso subordinados à uma ideologia cotidiana, tanto a escolha das histórias quanto as formas como elas seriam escritas ou transcritas estavam diretamente relacionadas ao contexto social no qual elas estavam inseridas.

Donald G. Scragg, no artigo “The Nature Of Old English Verse”, apresenta-nos um fenômeno anterior à transcrição, e que já apresentava o processo de assimilação de uma cultura religiosa por outra, ao apresentar o papel do menestrel, que mesmo antes dos registros das histórias, poemas e afins, era responsável por manter vivas as lendas, mitos, canções através da tradição oral. Nas palavras de Scragg, o menestrel era um profissional

na corte dos reis, cantando lendas tradicionais do passado germânico e, ocasionalmente, adicionando histórias cristãs ao seu repertório, contos familiares tornados elucidativos para o público por sua habilidade em desenvolvê-los e embelezá-los.¹³ (SCRAGG, 1991, p. 55).

Dessa forma, inseria-se e popularizava-se uma nova cultura em sua sociedade. A adesão de histórias cristãs pelo menestrel e a assimilação delas pela

¹¹ Denominação dada pelo Papa Gregório Magno ao povo anglo-saxão.

¹² “Christianity, a ‘religion of the Book’, brought literacy on a wholly different scale from whatever forms of written communication pagans may have used. Before long, it brought written history” (WORMALD, 1991, p. 3).

¹³ “[A]t the court of kings, singing traditional legends from the Germanic past, and occasionally adding Christian stories to his repertoire, familiar tales made delightful to his audience by his skill in developing and embellishing them” (SCRAGG, 1991, p. 55).

cultura anglo-saxã resultaram em uma sociedade regida pela ideologia cotidiana baseada no cristianismo.

No que tange ao arquivo físico que documenta o poema e o apresenta sendo um produto realizado dentro de um ideário cristão, e por isso impregnado pelos preceitos, dogmas e objetivos propostos pelos sistemas que dominavam e regiam a sociedade da época (igreja cristã e monarquia), Donald G. Scragg, escreve que “[...] muitos agora acreditam que o poema poderia ter assumido a forma em que o temos no período entre o nascimento de Alfred em 849 e a ascensão de seu bisneto jEthelred em 978” (SCRAGG, 1991, p. 57)¹⁴.

Isso situa a transcrição em um período considerado um dos mais confiáveis e organizados no que diz respeito a registros documentais, como cita Isabela Dias de Albuquerque (2010): “[...] Durante o reinado de Alfred que há uma melhor organização desses registros tanto que, os relatos posteriores ao período de Alfred tendem a ser muito mais precisos que os anteriores a ele.”. Desse modo, uma hipótese bastante provável é que no trabalho de transcrição de um manuscrito para outro houve o zelo pela permanência das características principais da obra original ou do manuscrito anterior ao que temos acesso. No entanto, não se pode descartar a possibilidade de que nesse último haja alterações visando a reforçar a ideologia vigente na época de transcrição.

Ainda sobre a influência da ideologia proposta pelo cristianismo, é possível relacionar o poema *Beowulf* aos outros manuscritos que compõem o Códex do qual o épico faz parte. O poema hoje integra o *Cotton Vitellius A.xv*¹⁵. No entanto, inicialmente, o texto estava registrado no *Nowell Codex*, junto a outros, tais como *A Vida de São Cristóvão*, *Maravilhas do Oriente* e *A Carta De Alexandre Para Aristóteles* (escritos em prosa), e *Judite* (em verso). Gesner Las Casas Brito Filho (2014, p.19) apresenta a seguinte divisão: textos religiosos, *A Vida De São Cristóvão* e *Judite*, e textos profanos ou laicos, *Maravilhas Do Oriente*, *A Carta De Alexandre Para Aristóteles* e *Beowulf*.

¹⁴ “[M]any now believe that the poem could have taken the form in which we have it sometime between the birth of Alfred in 849 and the accession of his great-great-grandson jEthelred in 978” (SCRAGG, 1991, p. 57).

¹⁵ Junção do *Nowell Codex* (códice cujo primeiro dono conhecido foi Lawrence Nowell, 1563) e do *Southwick Codex* (coleção de manuscritos medievais e antigos, cujo o proprietário foi Sir. Robert Bruce Cotton).

Segundo Brito Filho, a lógica geral que une todos os textos no códex é a temática Oriente. No entanto, um dos pontos que compõe essa lógica é a presença da cultura cristã na Inglaterra medieval. Brito Filho (2014, p.13) diz que “[...] O Nowell Codex apresenta textos de origens diversas: greco-romana pagã e cristã, germânica e até mesmo do antigo testamento, de origem hebraica (e cristã)”. Ainda reforça dizendo que “[...] a base desta construção é toda a cultura clássica e cristã (greco-romana) trazida pelo próprio cristianismo e os elementos germânicos, também cristianizados, presentes na própria Inglaterra anglo-saxônica” (FILHO, 2014, p. 70).

Brito Filho traz à discussão um aspecto antropológico sobre o processo de analogia na composição do códex, argumentando a respeito do efeito integrador gerado pelo pensamento analógico, que cria conhecimento conectado, dessa forma possibilitando a construção da malha de conexões entre as culturas. Esse fenômeno já era de amplo conhecimento na Idade Média. Brito Filho (2014, p. 76) discorre acerca do assunto dizendo que

a imiscuidade de elementos ‘pagãos’ e cristãos é uma característica existente desde os primórdios da cristianização dos anglo-saxões. Ela estará presente inclusive no próprio discurso eclesiástico de ‘conversão’ dos futuros ‘ingleses’, por exemplo, nos escritos instrutivos do papa Gregório Magno ao orientar que os santuários pagãos não deveriam ser destruídos na Britânia.

Desse modo, por meio do processo de cristianização de elementos da cultura religiosa nórdica antiga, é possível observar a assimilação de uma cultura pela outra. Filho diz ainda que mesmo nos textos considerados pagãos do códex há a presença de aspectos cristãos. Desse modo, é possível elencar o cristianismo como um dos pontos temáticos para união dos textos da formação do códice, evidenciando o processo de dialógico proposto por Bakhtin (2006, p 118), uma vez que para ele, o livro é “[...] o ato de fala impresso” e sendo ele um elemento da comunicação verbal, o códice (o livro) funciona como ferramenta, o meio pelo qual se efetiva a presença do dialogismo entre a religião cristã e a cultura religiosa nórdica antiga, criando a base fundamental para a escrita de *Beowulf* de Tolkien, que mesmo realizando a transposição de língua e de gênero, dada sua formação acadêmica filológica, esforça-se para que haja a manutenção dos conceitos propostos pelo manuscrito original no processo de transposição.

2.1.2 - A Presença do Deus Cristão

O segundo ponto apresentado neste trabalho é a presença da constante referência a uma divindade da cultura monoteísta no texto *Beowulf*, de Tolkien, sendo essa divindade o deus cristão. Para a religião cristã, a divindade é apresentada como um único Deus sem abrir espaço para a possibilidade da existência de outros deuses. Essa característica monoteísta é apresentada pela Bíblia Sagrada, que é o livro basilar da fé cristã. Nela, encontramos o livro de Deuteronômios que, em seu capítulo 6, versículo 4, diz: “Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor”, também no livro de Isaías (44:6): “Assim diz o Senhor, Rei de Israel, e seu Redentor, o Senhor dos Exércitos: Eu sou o primeiro, e eu sou o último, e fora de mim não há Deus”, e ainda em Isaías (45:6): “Eu sou o Senhor, e não há outro; fora de mim não há Deus; eu te cingirei, ainda que tu não me conheças”. Esse tipo de discurso se apresenta por toda escritura sagrada cristã, havendo ocorrências em livros que compõe o Velho e o Novo Testamento, enfatizando de diversas formas a ideia de um deus único.

Diferente dos preceitos cristãos no que tange à existência da divindade, a cultura religiosa nórdica antiga é politeísta, crendo em várias entidades divinas, como por exemplo, as apresentadas por Cunha em sua monografia *A Ligação entre Deuses e Homens da Era Viking*, ao citar:

Odin, como era chamado pelos escandinavos, Wodan, para os germanos, e Woden, para os anglo-saxões, era o deus supremo da cosmogonia nórdica. Reconhecido como o “Pai de Todos”, por ser progenitor da maioria dos deuses como Heindall, Thor, Tyr e Balder. (CUNHA, 2015, p.12; grifos nossos).

Os deuses apresentados por Cunha são apenas alguns dos vários presentes na cultura nórdica antiga.

Cada um dos deuses, na crença desta cultura, tem uma função representativa e se relacionam a alguns aspectos específicos no cotidiano, exercendo assim funções distintas sobre a vida dos homens. Cunha argumenta que

[n]a mitologia nórdica existem três divindades relacionadas a morte. A primeira citada é Odin..., responsável por receber todas as almas de guerreiros mortos em batalha, a segunda divindade é Hell filha de Loki, ela tem a metade de seu corpo de uma mulher formosa e a outra metade é negra e assemelha estar em decomposição. Seu reino leva o mesmo nome da deusa onde são encaminhados as almas de todos os outros

seres que morrem de causas naturais, fatalidades ou guerreiros indignos da presença de Odin, por último a deusa Ran onde acolhia os afogados. (CUNHA, 2015, p. 15).

Como é possível notar, o politeísmo está presente na crença religiosa da cultura nórdica, e os deuses presentes nela chegavam ao conhecimento de seus fiéis por meio da tradição oral, uma vez que, como já discutido, a cultura da escrita para registro só se popularizou após a introdução do cristianismo na vida do povo anglo-saxão.

Muito embora apresentados rapidamente os argumentos que demonstram a diferença das crenças religiosas acerca da ideia de divindade, marcando uma cultura como monoteísta (cristã) e a outra como politeísta (nórdica antiga), é possível notar, através dessa diferença, a presença da ideologia cristã no *Beowulf*, de Tolkien, uma vez que nela a presença do divino é marcada pela existência de um único deus (assim como no cristianismo) responsável por todas as funções e regendo todos os aspectos da vida do homem.

Na versão em prosa de Tolkien podemos observar setenta e duas referências diretas à divindade que ocorrem de vinte¹⁶ formas diferentes. Essas referências à divindade cristã se assimilam à tratativa que encontramos nos livros bíblicos, tanto do Novo quanto do Velho Testamento. No *The Harper Collins Bible Dictionary* (1996), a palavra Senhor é tida como um dos vários títulos de Deus:

Senhor, um título de dignidade e honra, reconhecendo o poder e a autoridade daquele que é tratado. No AT, "Senhor" é usado para traduzir vários títulos para Deus (por exemplo, Adonai, El Shaddai). Também pode ser usado em um sentido secular para um mestre ou proprietário. Em aramaico, essas palavras são traduzidas por miaria, com sufixos possessivos ("meu" ou "nosso" Senhor), e em grego por kyrios.¹⁷ (ACHTEMEIER, 1996, p. 619).

Ao se fazer uso diretamente da *Bíblia Sagrada*, também encontramos essas terminologias que referenciam o deus cristão, como no livro de Salmos, no capítulo 24, que o apresenta das seguintes formas:

¹⁶ Ocorrências: Deus 36 vezes, Deus Onipotente 2 vezes, Todo Poderoso 1 vez, Criador 3 vezes, Senhor 8 vezes, Senhor Deus 1 vez, Senhor Eterno 4 vezes, Senhor da Glória 2 vezes, Senhor da Vida 1 vez, Governante dos Homens 1 vez, Mestre de Tudo 1 vez, Senhor Onisciente 1 vez, Pai 1 vez, Rei da Glória 2 vezes, Rei Glorioso 1 vez, Rei das Vitórias 1 vez, Juiz dos Feitos 1 vez, Guardião dos Céus 1 vez, Pai Onipotente 1 vez, Onipotente 3 vezes.

¹⁷ "Lord, a title of dignity and honor acknowledging the power and authority of the one so addressed. In the OT "Lord" is used to translate various titles for God (e.g., Adonai, El Shaddai). It can also be used in a secular sense for a máster or owner. In Aramaic these words are translated by miaria, with possessive suffixes ("my" or "our" Lord), and in Greek by kyrios" (ACHTEMEIER, 1996, p. 619).

- Deus no singular apresentando o caráter unívoco de sua existência: “Este receberá a bênção do Senhor e a justiça do Deus da sua salvação” (SALMOS, 24:5);
- Retomando a ideia já apresentada por Achtemeier no dicionário bíblico, conotando a ideia de mestre ou proprietário: “Do Senhor é a terra e a sua plenitude, o mundo e aqueles que nele habitam” (SALMOS, 24:1);
- Rei da Glória, poderoso e vitorioso, ou o que é intermediador das vitórias “Levantai, ó portas, as vossas cabeças; levantai-vos, ó entradas eternas, e entrará o Rei da Glória” (SALMOS, 24:7).

As referências ao deus cristão similares a essas podem ser encontradas também no poema épico *Beowulf*, na versão traduzida por Erick Ramalho, nos versos: “Tal ser, sem a bênção de Deus, banido, habitava a moradia de sua raça de monstros. Assim, vingará o Criador a vida de Abel, da raça de Caim – assassino” (RAMALHO, 2007, p. 9; grifos nossos). Esse exemplo posto tem a função de ressaltar o elo de ligação entre as obras: manuscrito original, tradução em verso (a partir do original escrito em inglês antigo), versão em prosa e a Bíblia Sagrada.

Por meio da presença do deus cristão, apresentado na Bíblia Sagrada, e encontrado em ambas as versões de *Beowulf*, é possível observar o fenômeno dialógico se efetivar através da aceitação da presença desse deus único na história de um guerreiro da cultura nórdica. Pois, como já argumentado, as histórias foram cristianizadas ao longo do tempo, provocando a assimilação do ideal cristão na cultura anglo-saxã.

Muito embora os deuses da cultura religiosa nórdica antiga tenham se convertido em um único deus na prosa de Tolkien (e no poema) pelo processo de cristianização, o conceito de divindade permanece, pois este tem características transcendentais pela força que o mito de Deus, ou deuses, gera. Campbell afirma que “Deus é um pensamento. Deus é um nome. Deus é uma ideia. Mas sua referência é algo que transcende a todo pensamento. [...] E o mito é aquele campo de referência àquilo que é absolutamente transcendente” (CAMPBELL, 1991, p. 60). Essa transcendência das referências¹⁸ que se tem acerca do divino gera a compreensão dos sentidos. Sentido esse que, para Bakhtin, é dialógico: “A relação

¹⁸ Funções, representatividade, qualidades e etc, que se relaciona a existência da divindade(s).

com o sentido é sempre dialógica. O ato de compreensão já é dialógico” (BAKHTIN, 1997, p. 351).

Desse modo, é possível destacar a presença do dialogismo baktiniano na correlação das ideias e sentidos, bem como o conceito de intertextualidade que, para Fiorin, se dá no processo de referenciamento por meio da efetivação da escrita, pois, para ele, “[...] [o] termo intertextualidade fica reservado apenas para os casos em que a relação discursiva é materializada em textos” (FIORIN, 2006, p. 181).

2.2.3 - A Influência Bíblica no Poema *Beowulf*

No decorrer da narrativa do épico *Beowulf* pode-se perceber influências do contexto bíblico cristão. O poema é composto por uma narrativa heroica, por batalhas em o bem e o mal (como dito anteriormente) e em partes remetendo ao antigo e novo testamento. No que diz respeito ao antigo testamento podemos ressaltar o livro de Gênesis, especificamente, ao primeiro filho de Adão, Caim, o primeiro homicida. Este ouve as seguintes palavras de Deus descritas em Gênesis (4:11), “E agora maldito és tu desde a terra, que abriu a sua boca para receber da tua mão o sangue do teu irmão”.

Segundo Oliveira, Grendel é “[...] supostamente descendente de Caim, o primeiro assassino” (2010, p. 5), ou seja, ambos são excluídos e condenados a viverem distantes da sociedade e vistos como homicidas. Grendel é conhecido como monstro e é alvejado como vilão pela tradição oral e pela literatura posteriormente no contexto de *Beowulf*, inimigo da humanidade. Caim, pela cultura cristã, é visto como símbolo de inveja, mentira e maldade: “O poema faz uma ligação de Grendel com o personagem bíblico Caim e o estigmatiza como um ser estranho, condenado a viver distante da comunidade humana num lugar horrível” (OLIVEIRA, 2010, p. 10).

Já em relação ao Novo Testamento podemos observar o sincretismo sendo aplicado em algumas passagens. Uma delas é quando Beowulf é abandonado por quase todos os amigos que o acompanham, restando somente um que ao final o trai. A semelhança, obviamente, está no relato bíblico em que Jesus Cristo é preso no Getsêmani, traído por Judas (Marcos 3:19) e logo após negado por Pedro (João 18:27). Outro ponto interessante que pode ser observado é a mesma quantidade de amigos de Beowulf e de apóstolos de Jesus, sendo que ambos possuíam doze:

[...] Beowulf é acompanhado por doze guerreiros, a maioria dos quais o abandona (o que nos faz lembrar os Apóstolos de Cristo). A correspondência numérica é exata. Beowulf é conduzido até seu conflito por um seguidor traiçoeiro do mesmo modo como Cristo foi traído e entregue aos seus executores por seu discípulo Judas. (OLIVEIRA, 2010, p. 18).

No Novo Testamento, lemos a seguinte passagem: “E, tomando consigo os doze, disse-lhes: Eis que subimos a Jerusalém, e se cumprirá no Filho do homem tudo o que pelos profetas foi escrito” (LUCAS, 18:31). No entanto, a referência Bíblica ao número doze não está relacionada somente ao Novo Testamento. No Antigo Testamento, podemos encontrar trechos em que o número doze é utilizado. Tais evidências reforçam a ideia de sincretismo religioso e cunho católico cristão em *Beowulf*: “Todos os animais para holocausto foram doze novilhos, doze carneiros, doze cordeiros de um ano, com a sua oferta de alimentos e doze bodes para expiação do pecado” (NÚMEROS 7:87).

Porém, o diálogo com a Bíblia presente em *Beowulf* vai além de simbologia numérica. Passagens no Novo Testamento, em que é possível conceber a ideia de Cristo e de seus apóstolos (não todos), especialmente os acontecimentos entre Beowulf e os amigos que o acompanham para a batalha, estão presentes na narrativa:

Esperai agora na colina, vestidos de couraça, cavaleiros de armês, para verdes qual de nós melhor suportará suas feridas quando o combate terminar. Não é incumbência para vós, nem está na medida de nenhum homem, apenas na minha, empenhar seu poderio contra o feroz destruidor. (TOLKIEN, 2015, p. 160).

O paralelo pode ser feito com trechos dos Evangelhos de Marcos (14:32): “E foram a um lugar chamado Getsêmani, e disse aos seus discípulos: Assentai-vos aqui, enquanto eu oro”. Com base no fragmento de *Beowulf* de Tolkien podemos fazer as maiores comparações com a narrativa bíblica tendo em vistas seus amigos:

Seus Companheiros de armas, filhos de príncipes, de nenhum modo se postaram em torno dele, companhia testada na guerra. Ao contrário, retiraram-se para um bosque para salvar suas vidas. Apenas o coração de um deles se agitou com desgosto. Na mente virtuosa, nada pode afastar o parentesco. Wiglaf chamava-se ele [...]. Então não pôde mais conter-se: em sua mão empunhou o escudo de tília amarela, sacou a antiga espada [...]. (TOLKIEN, 2015, p. 165).

Podemos estabelecer um paralelo entre o comportamento dos discípulos quando fogem e, também, o comportamento de Pedro ao sacar a espada em relação a atitude de Wiglaf: “Mas tudo isso aconteceu para que se cumprissem as

Escrituras dos profetas. Então todos os discípulos o abandonaram e fugiram” (MATEUS, 26:56); e também na seguinte passagem: “Simão Pedro, que trazia uma espada, tirou-a e feriu o servo do sumo sacerdote, decepando-lhe a orelha direita” (JOÃO, 18:10).

Em outro momento do épico, quando é relatada a saída de Beowulf do lago e o seu retorno ao salão do hidromel, o Rei Hrothgar recebe em mãos o punho da espada usada para matar a mãe de Grendel. Esta espada teria sido obra de uma raça de gigantes os quais teriam sido extintos por uma inundação, águas torrenciais, e diz as seguintes palavras olhando para o que restou da espada:

Hrothgar respondeu olhando atentamente o punho, relíquia dos dias de antanho, onde estava escrito o começo da antiga rixa, após a qual a torrente do oceano, derramando-se, destruiu a raça dos gigantes. Tiveram um mau destino. Era uma gente estranha ao Senhor eterno, por isso o Todo-Poderoso lhes deu um pagamento final com água encapelada. (TOLKIEN, 2015, p. 111).

Essa passagem se assemelha ao evento do dilúvio, onde há uma grande inundação, enviada por Deus por causa da corrupção existente na terra: “E viu Deus a terra, e eis que estava corrompida; porque toda a carne havia corrompido o seu caminho sobre a terra” (Gênesis 6:12). Dessa forma, destrói a maioria das civilizações e seres vivos da terra, tendo somente Noé e sua família sendo salvos ao adentrarem em uma arca:

No ano seiscentos da vida de Noé, no mês segundo, aos dezessete dias do mês, naquele mesmo dia se romperam todas as fontes do grande abismo, e as janelas dos céus se abriram [...]. Assim foi destruído todo o ser vivente que havia sobre a face da terra, desde o homem até ao animal, até ao réptil, e até à ave dos céus; e foram extintos da terra; e ficou somente Noé, e os que com ele estavam na arca. E prevaleceram as águas sobre a terra cento e cinquenta dias. Gênesis 7:11, 23-24).

Mais adiante o idoso rei, adverte-o sobre as conquistas da vida mortal e toda a depreciação que tempo traz ao homem por meio da velhice, e agracia o herói com (segundo o rei) um dos mais ricos presentes da terra, “um conselho”:

Outro vem depois dele, e afoito espalha seus bens preciosos, os tesouros há muito amealhados desse homem, não temendo sua ira. Defende-te dessa malícia mortal, caro Beowulf, o melhor dos cavaleiros, e escolhe para ti a melhor parte, os conselhos de valor perpétuo. (TOLKIEN, 2015, p. 115).

Este trecho está intimamente relacionado às escrituras bíblicas no Novo e Velho Testamento. De diferente modo da cultura nórdica que valorizava a glória em

batalha e as conquistas por meio de espólios de guerra, tais versículos evidenciam como é prudente e valoroso buscar conhecimento que vem de um Deus cristão como pode se ver no Evangelho Segundo Mateus (6:19-21):

Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam; Mas ajuntai tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam nem roubam. Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração.

Igualmente, no livro Provérbios de Salomão (8:19): “Melhor é o meu fruto do que o ouro, do que o ouro refinado, e os meus ganhos mais do que a prata escolhida”.

Tendo em vista as referências bíblicas citadas anteriormente em paralelo com as passagens da prosa *Beowulf* de Tolkien, podemos então constatar a existência de diálogos entre os textos. É visível a aproximação entre os dois textos sendo que a narrativa tolkieniana remete o leitor aos escritos bíblicos (quando estes conhecidos pelo próprio leitor).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar o Trabalho de Conclusão de Curso é um passo fundamental para a formação acadêmica, pois ao realizá-lo colocamos em prática o processo de pesquisa e aprofundamos os conhecimentos em torno do tema escolhido para a análise. No presente trabalho, foram analisadas as características cristãs presentes em *Beowulf* de J. R. R. Tolkien, procurando identificar como elas foram representadas junto aos costumes e lendas nórdicas, estabelecendo um diálogo entre o universo cristão e a cultura religiosa nórdica antiga, pois no texto que compõe o *corpus* de pesquisa desse estudo há a presença de elementos da cultura cristã em relação dialógica com a cultura nórdica pagã.

Através da análise, buscamos responder se, lançando mão dos estudos sobre dialogismo postulados por Bakhtin e as considerações acerca da intertextualidade, é possível constatar a existência de relação dialógica e intertextual entre *Beowulf* de Tolkien e a cultura religiosa cristã, visto que um dos pontos mais fascinantes em torno do texto é seu enredo, que, apesar de ambientado em um contexto da

cultura nórdica, há a recorrência de elementos da cultura cristã, apresentando uma espécie de sincretismo religioso entre as culturas cristã anglo-saxã (monoteísta) e a nórdica antiga (politeísta). Ao concluir os estudos, foi possível observar a assimilação cultural de elementos nórdicos pela cultura anglo-saxã que se deu por meio do processo de cristianização dos elementos da cultura religiosa nórdica antiga.

Apoiado pelo argumento da existência do documento físico no qual se registra o conto oral na forma de poema épico (manuscrito do séc.X) em uma época na qual a religião cristã era a balizadora principal da ideologia cotidiana, foi possível elencar o cristianismo como um dos pontos temáticos para união dos textos da formação do códice, através da percepção as vozes dialogando entre si por meio da assimilação e ressignificação dos elementos culturais que ocorrem entre as religiões cristã e a pagã, evidenciando o processo dialógico proposto por Bakhtin. Desse modo também é possível destacá-lo como ferramenta pela qual se efetivou a presença da intertextualidade entre a cultura cristã e a cultura religiosa nórdica antiga, pois segundo Fiorin, a intertextualidade se dá através do registro do texto.

Outro elemento que reforça a tese sobre a ligação intertextual é a presença do deus cristão, bem como da ideologia cristã que, no caso de *Beowulf* de Tolkien, manifesta-se através de correlações estabelecidas entre as histórias e doutrinas registradas nos livros que compõe a Bíblia Sagrada e a lenda do guerreiro Beowulf. Correlação observada pela presença direta das menções ao deus cristão, já citado na análise, e pela comparação entre versículos da Bíblia Sagrada cristã e excertos do livro *Beowulf* de Tolkien, cujo o conteúdo temático é o mesmo. O que torna as obras dialogicamente e intertextualmente conexas segundo os postulados propostos por Bakhtin e Fiorin.

REFERÊNCIAS

ACHTEMEIER, Paul J. et al, **The Harper Collins Bible dictionary**. San Francisco: Harper Collins. 1996,

ALBUQUERQUE, Isabela Dias de. A conquista: a questão do *outro* na “Inglaterra” de Alfred, o grande (século ix). In: **Anais do XIV Encontro Regional da ANPUH – RIO UNIRIO**. Rio de Janeiro, RJ: Associação Nacional de História, 2010. Disponível em: http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276704121_ARQUIVO_Artigo-ANPUH_2010_.pdf. Acesso em: 20 out. 2019.

AZUAGA, Luíza; VARANDAS, Angélica. Mito e história: ausências presentes em Beowulf. In: VILELA, Ana Luísa; ESTEVES, Elisa; SILVA, Fábio Mário da; REFFÓIOS, Margarida (Orgs.). **Representação do mito na história e na literatura**. Évora: Centro de Estudos em Letras da Universidade de Évora. 2014. p. 127-136. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/28940/1/6%20Mito%20e%20Hist%C3%B3ria%20Aus%C3%A2ncias%20Presentes%20em%20Beowulf.pdf>. Acessado em: 09 out. 2019.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética Da Criação Verbal**. Trad. de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2ª ed. São Paulo: Martins fontes, 1997.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. _____. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BENEDETTI, Thaís Lima; BOVO, Cláudia Regina. As vozes literárias na construção da Idade Média. In: **Brathair – Revista de Estudos Celtas e Germânicos**. São Luis, n. 2, v. 2, p. 3-8, 2002. Disponível em: <http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/653>. Acesso em: 09 out. 2019.

BÍBLIA ONLINE. **ACF – Almeida Corrigida Fiel**. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br>. Acesso em: 24 nov. 2019.

BORGES, Jorge Luis. **Curso de literatura inglesa**. ARIAS, Martín; HADIS, Martín (Orgs.). Trad. de Eduardo Brandão. Martins Fontes: São Paulo, 2002.

BRITO FILHO, Gesner Las Casas. **Níðwundor, terrível maravilha: o manuscrito de Beowulf como compilação acerca do ‘oriente’**. 2014. 136 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-06102014-184350/pt-br.php>. Acesso em: 03 ago. 2019.

CAMPBELL, Joseph. **O Poder Do Mito**. Trad. de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1991.

CARPENTER, Humphrey. **J. R. R. Tolkien uma biografia**. Trad. de Ronald Kyrmse. São Paulo: Martins Fontes. 2015.

CUNHA, Vlandson Maciel Rezende. **A ligação entre deuses e homens da era viking**. 2015. 41 f. Monografia – Programa de Pós-graduação em História Antiga e Medieval – Religião e Cultura (Lato Sensu) – Faculdade São Bento, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/26782726/A_Liga%C3%A7%C3%A3o_entre_Deuses_e_Homens_da_Era_Viking. Acesso em: 03 ago. 2019.

FIORIN, José Luiz. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 161-193.

GARTH, John. **Tolkien's 'immortal four' meet for the last time**. 25 set. 2015. Disponível em <https://johngarth.wordpress.com/2015/09/25/tolkiens-immortal-four-meet-for-the-last-time/>. Acesso em: 28 ago. 2019.

LAPIDGE, Michael. **The Cambridge companion to old English literature**, Cambridge: Cambridge University. 2006.

MACIEL, Lucas Vinício de Carvalho. A (in)distinção entre dialogismo e intertextualidade. In: **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, SC, n. 1, v. 17, p. 137-151, jan./abr. 2017.

MEDEIROS, Elton Oliveira Souza. **O rei, o guerreiro e o herói: Beowulf e sua representação no mundo germânico**. 2006. 140 f. Dissertação (Mestrado em História Social). – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-05072007-115753/publico/TESE_ELTON_OLIVEIRA_SOUZA_MEDEIROS.pdf. Acesso em: 28 ago. 2019.

OLIVEIRA, João Bittencourt. Beowulf: o Herói, os Monstros e a bíblia. In: Cadernos do CNLF, n. 3, v. 22, p. 279-298. Rio de Janeiro: CiFEFiL,

OLIVEIRA, João Bittencourt. Paganismo e cristianismo no poema Beowulf. In: **Brathair – Revista de Estudos Celtas e Germânicos**. São Luis, n. 1, v. 10, p. 100-126, 2010. Disponível em: <http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/issue/view/103>. Acesso em: 14 set. 2019.

PLAZA, Julio. **Tradução Intersemiótica**. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva 2013.

RAMALHO, Erick. **Beowulf**. Belo Horizonte: Tessitura, 2007

SCRAGG, Donald G. The nature of old English verse. In: GODDEN, Malcolm; LAPIDGE, Michael (Orgs.). **The Cambridge companion to old English literature**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013. p. 50-65.

TOLKIEN, J. R. R. **Beowulf – uma tradução comentada incluindo o conto Sellic Spell**. Trad. de Ronald Kyrmse. São Paulo: Martins fontes. 2018.

WHITE, Michael. **J. R. R. Tolkien – o senhor da fantasia**. Trad. de Bruno Dorigatti. Rio de Janeiro: DarkSide. 2016.

WORMALD, Patrick. Anglo-Saxon society and its literature. In: GODDEN, Malcolm; LAPIDGE, Michael (Orgs.). **The Cambridge companion to old English literature**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013. p. 1-22.